

**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS RIACHO FUNDO I**

Deni de Mendonça Porto

Imigração Palestina no Brasil e a reconstrução identitária: um estudo de caso na Região Administrativa do Gama - DF

**Brasília
2025**

Deni de Mendonça Porto

Imigração Palestina no Brasil e a reconstrução identitária: um estudo de caso na Região Administrativa do Gama - DF

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo I, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tássio Barreto Cunha

Brasília

2025

Porto, Deni de Mendonça.

Imigração Palestina no Brasil e a Reconstrução Identitária: um estudo de caso na Região Administrativa do Gama - DF / Deni de Mendonça Porto ; orientação TÁSSIO BARRETO CUNHA. — Riacho Fundo, DF: 2025.
99 f. : il. color. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025.
Orientador(a): TÁSSIO BARRETO CUNHA.

1. Imigração. 2. Identidade. 3. Reterritorialização. 4. Pertencimento. 5. Palestina. I. CUNHA, TÁSSIO BARRETO, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

Deni de Mendonça Porto

Imigração Palestina no Brasil e a reconstrução identitária: um estudo de caso na Região Administrativa do Gama - DF

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo I, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Brasília, 05 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Dr. Tássio Barreto Cunha)

Prof. (Dr. Renan Amabile Boscarol)

Prof^a. (Dr^a. Sônia Cristina Hamid)

Dedico este trabalho, antes de tudo, a Deus (Allah, subhanahu wa ta'ala), fonte de toda sabedoria e força, cuja luz guiou meus passos mesmo nos momentos mais desafiadores. Também dedico, com o coração em reverência, ao povo palestino que, mesmo sob as sombras da dor e da injustiça, me ensinou o que é resiliência verdadeira, o valor do respeito diante da opressão, e a pureza do amor que insiste em florescer, mesmo entre os escombros.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não representa apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também o reflexo de uma jornada repleta de grandes desafios, aprendizados e, sobretudo, de pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para que este momento finalmente se concretizasse. Seria realmente impossível alcançar esta realização sozinho, e é por isso que eu me curvo em gratidão a cada um que caminhou ao meu lado, me apoiou, me incentivou ou simplesmente acreditou em mim quando nem eu mesmo acreditava mais (e olha que foram vários momentos).

Agradeço primeiramente a Deus, ou como aprendi a chamá-lo: Allah, por tudo que aprendi durante a produção deste TCC, e não somente por este trabalho, mas incrivelmente o que Ele fez por mim, Allahu akbar. Também agradeço as novas pessoas que eu conheci, mas especialmente cada palestino que tive a honra de conversar. Vocês me mostraram que estão em um nível de humanidade que eu nunca pensei que fosse possível haver, e eu desejo de todo meu coração que cada brasileiro possa ver realmente o quão incríveis vocês são. Agradeço muito a Allah (*La ilaha illallah*), pela minha saúde, resiliência e pela força que me sustentou nos dias em que tudo parecia desmoronar e eu pensava em desistir. Sem esse alicerce invisível, silencioso, constante e misericordioso, talvez nada disso fosse possível.

A minha mãe, que mesmo estando tão longe sempre me dava forças. Minha esposa que tanto me ajudou desde o primeiro dia desta graduação, e que presenteou com meu amado filho que tanto amo, bem no início de tudo. Por todo o amor, paciência e sacrifícios que jamais poderão ser medidos ou retribuídos.

Agradeço também ao meu irmão, familiares e amigos, meu grande amigo Kairos, pelo apoio incondicional e pelas palavras de incentivo em meio ao cansaço e as crises de ansiedade. A cada conversa, piada ou simples presença, podem ter certeza, vocês me ajudaram a seguir. Não tenho dúvidas de que parte desta conquista também pertence a todos vocês.

Sou imensamente grato ao meu orientador Tássio, que soube compreender meu ritmo, nos momentos que passei durante a produção deste trabalho, minhas dificuldades e principalmente meu processo. Não estou dizendo isso para parecer clichê, mas você, Tássio Barreto Cunha, você é daqueles que serão eternamente nosso brother! Sua orientação foi muito além da técnica, foi o apoio, foi a empatia e foi sua insistência em mim, mesmo quando eu pensava em desistir (mais uma vez,

kkk). Obrigado por acreditar no potencial deste trabalho e por ser um verdadeiro exemplo de dedicação e paciência.

Aos professores e professoras que fizeram parte da minha formação ao longo do curso, minha admiração e respeito à cada um deles. Cada aula ministrada, cada conteúdo discutido, cada “puxão de orelha” acadêmico teve sua parcela essencial para a construção do meu olhar crítico e da minha maturidade intelectual.

A professora Sônia Cristina Hamid que por acaso, ou destino, cruzou meu caminho e me fez ter certeza do que eu queria escrever neste trabalho, mas creio que o termo certo pelo nosso encontro seria: *Ma Shaa'Allah* (assim Deus quis).

Aos meus colegas de curso, que dividiram comigo não apenas a sala de aula, mas também o cansaço das semanas de prova, as noites viradas com cafés e as risadas em meio ao caos. Em especial ao meu brother Wendell, meu amigo de rock e de todos os seminários com prazos estourados!

Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que vivem com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e que, como eu, enfrentam um desafio invisível a cada página, a cada parágrafo, a cada pensamento que insiste em voar. Este TCC é a prova de que é possível sim, com esforço, apoio e autoconhecimento, chegar lá. Não é fácil, mas é possível.

A todos vocês, o meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno da migração sob uma perspectiva histórica e social, destacando os impactos nas sociedades de acolhimento, bem como as motivações que impulsionam os fluxos migratórios globais. Embora o deslocamento humano acompanhe a história da humanidade desde suas origens, seu volume aumentou significativamente nos últimos séculos devido a fatores políticos, econômicos, religiosos e ambientais. Nesse contexto, o Brasil se consolidou como um importante destino migratório, especialmente entre o final do século XIX e início do século XX, período de intensas transformações sociais e econômicas. A pesquisa dá ênfase à imigração árabe, notadamente de sírios, libaneses e principalmente a dos palestinos, sendo foco principal deste estudo, abordando as contribuições culturais desses grupos à diversidade étnica brasileira. Analisa-se o processo de reterritorialização e os desafios enfrentados por essas comunidades na reconstrução de suas identidades em território brasileiro. A partir de bibliografia especializada e dados históricos, o estudo busca compreender como os deslocamentos voluntários e/ou forçados influenciaram a formação de identidades individuais e coletivas, além de provocar transformações nas dinâmicas urbanas, econômicas e culturais das regiões que receberam imigrantes.

Palavras-chave: Imigração; Identidade; Reterritorialização; Pertencimento; Palestina; Brasil.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the phenomenon of migration from a historical and social perspective, highlighting the impacts on host societies, as well as the motivations that drive global migration flows. Although human displacement has been part of human history since its origins, its volume has increased significantly in recent centuries due to political, economic, religious and environmental factors. In this context, Brazil has established itself as an important migratory destination, especially between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, a period of intense social and economic transformation.

The research emphasizes Arab immigration, notably Syrians, Lebanese and especially Palestinians, which is the main focus of this study, addressing the cultural contributions of these groups to Brazil's ethnic diversity. The process of reterritorialization and the challenges faced by these communities in rebuilding their identities in Brazilian territory are analyzed. Based on specialized bibliography and historical data, the study seeks to understand how voluntary or forced displacement influences the formation of individual and collective identities, as well as causing transformations in the urban, economic and cultural dynamics of the regions that receive immigrants.

Keywords: Immigration; Identity; Reterritorialization; belonging; Palestine; Brazil.

المخلص

تهدف هذه الورقة البحثية إلى تحليل ظاهرة الهجرة من منظور تاريخي واجتماعي، مع تسليط الضوء على الآثار المترتبة على المجتمعات المضيفة، فضلاً عن الدوافع التي تحرك تدفقات الهجرة العالمية. على الرغم من أن النزوح البشري كان جزءاً من تاريخ البشرية منذ نشأتها، إلا أن حجمها ازداد بشكل كبير في القرون الأخيرة بسبب عوامل سياسية واقتصادية ودينية وبيئية. في هذا السياق، رسخت البرازيل نفسها كوجهة مهمة للهجرة، لا سيما بين نهاية القرن التاسع عشر وبداية القرن العشرين، وهي فترة تحول اجتماعي واقتصادي مكثف يركز البحث على الهجرة العربية، لا سيما السورية واللبنانية وخاصة الفلسطينية، وهي المحور الرئيسي لهذه الدراسة، متناولاً الإسهامات الثقافية لهذه المجموعات في التنوع العرقي في البرازيل. ويحلل البحث عملية إعادة التوطين والتحديات التي تواجهها هذه المجتمعات في إعادة بناء هوياتها في الأراضي البرازيلية. واستناداً إلى البليوغرافيا المتخصصة والبيانات التاريخية، تسعى الدراسة إلى فهم كيفية تأثير النزوح الطوعي أو القسري على تشكيل الهويات الفردية والجماعية، فضلاً عن التسبب في التحولات في الديناميات الحضرية والاقتصادية والثقافية للمناطق التي تستقبل المهاجرين.

.الكلمات المفتاحية: الهجرة؛ الهوية؛ إعادة التوطين؛ الانتماء؛ فلسطين؛ البرازيل

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - restaurante Almanara fundado em 1950 por Zuhair Coury.....	39
Figura 2 - Carim Nabut e seu caminhão durante a construção de Brasília.....	41
Figura 3 - Hotel Naoum Plaza.....	42
Figura 4 - Edifício Baracat, no Setor Comercial Sul.....	43
Figura 5 - América Bittar Hotel, Brasília.....	43
Figura 6 - Salim Bittar, pioneiro no Setor Hoteleiro Sul	44
Figura 7 - Munia e Aziz Jarjour, fundadores do Café Arábia	45
Figura 8 - Mapa das regiões administrativas do DF.....	45
Figura 9 - População palestina ao redor do mundo: 14,63 milhões	52
Figura 10 - Territórios Palestino e Judeu entre 1920 e 1948.	56
Figura 11 - Partilha da Palestina em 1947.....	56
Figura 12 - Ocupação israelense em 1967, após a Guerra dos Seis Dias.	58
Figura 13 - Religiões na Palestina	60
Figura 14 - Mesquita do Centro Islâmico de Brasília – Asa Norte	61
Figura 15 - Mesquita Masjed Alwalidein – Taguatinga.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fatores de atração e repulsão	23
Tabela 2 - Principais ondas migratórias de árabes para o Brasil.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DF	- Distrito Federal
FEPAL	- Federação Árabe Palestina do Brasil
IDH-M	- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
NOVACAP	- Companhia Urbanizadora da Nova Capital
ONU	- Organização das Nações Unidas
PDAD	- Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
RA	- Região Administrativa
RA II	- Região Administrativa ii (gama)
SUCAR	- Secretaria de Estado de Coordenação das Administrações Regionais
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNRWA	- United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina)

“A libertação como missão intelectual, nascida da resistência e oposição aos confinamentos e devastações do imperialismo, agora se deslocou das dinâmicas sedentárias, estabelecidas e domesticadas da cultura para suas energias desabrigadas, descentralizadas e exílicas, energias cuja encarnação hoje é o migrante e cuja consciência é a do intelectual e do artista no exílio”

(Edward Said)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	12
INTRODUÇÃO	15
1 OBJETIVOS	20
1.1 GERAL	20
1.2 ESPECÍFICOS	20
2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	21
3 MIGRAÇÃO: CONCEITOS, TERRITÓRIO, CULTURA E HISTÓRIA	22
3.1 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E RETERRITORIALIZAÇÃO	24
3.2 CULTURA E IDENTIDADE	27
3.3 DE GOIÁS AO GAMA: A TRAJETÓRIA DE MIGRAÇÃO DOS ÁRABES, COM ÊNFASE NA COMUNIDADE PALESTINA.....	28
3.4 HISTÓRIA DE BRASÍLIA.....	29
3.5 SOBRE BRASÍLIA E SUAS CIDADES SATÉLITES.....	29
4 IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL E A REGIÃO ADMINISTRATIVA DO GAMA, DISTRITO FEDERAL	31
4.1 QUEM SÃO OS ÁRABES?.....	32
4.2 A DIÁSPORA ÁRABE NO BRASIL	33
4.2.1 A chegada ao estado de Goiás.....	40
4.2.2 Em Anápolis.....	40
4.2.3 A chegada ao Distrito Federal.....	42
4.3 SOBRE A REGIÃO ADMINISTRATIVA DO GAMA – RA II	45
5 COMUNIDADE PALESTINA NO BRASIL	47
5.1 A DIÁSPORA PALESTINA.....	48
5.1.1 Religião e sua identidade na Palestina.....	50
5.2 QUANTOS REFUGIADOS PALESTINOS EXISTEM PELO MUNDO?	51
5.3 A NEGAÇÃO AOS FUNDAMENTOS DO ESTADO PALESTINO.....	54

5.4 IDENTIDADE PALESTINA.....	59
5.5 CHEGADA DA COMUNIDADE PALESTINA NO GAMA	62
5.6 ATIVIDADES ECONÔMICAS DESENVOLVIDAS PELOS MEMBROS DA COMUNIDADE PALESTINA.....	64
5.7 VOZES DA DIÁSPORA: RELATOS DA COMUNIDADE PALESTINA NO GAMA.....	65
5.7.1 Trajetórias migratórias.....	65
5.7.2 Adaptação cultural e linguística.....	66
5.7.3 Religião e identidade.....	67
5.7.4 Percepções sobre o conflito Israel-Palestina	68
5.7.5 Convivência com a sociedade local e preconceito	70
5.7.6 Esperanças para o futuro e legado cultural	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA	79
ENTREVISTA 1	79
ENTREVISTA 2	85
ENTREVISTA 3	90

INTRODUÇÃO

A migração de pessoas para o Brasil, por variados motivos, é um fenômeno em constante crescimento, incluindo os refugiados provenientes de países afetados por conflitos armados, sobretudo aqueles originários do Oriente Médio, a exemplo do Estado da Palestina. Tais indivíduos se estabelecem em diferentes estados brasileiros, mas uma parcela significativa escolhe o Distrito Federal como destino final, onde muitos destes residem na região administrativa do Gama – RA II1.

Esses migrantes, por diversas razões, buscam morar em proximidade com outros de mesma nacionalidade, cultura e religião, com o intuito de manter seus costumes, tradições e inclusive, continuar com uniões matrimoniais entre pessoas da mesma nacionalidade e religião (não sendo uma obrigatoriedade), estabelecendo relações de trabalho marcadas por familiaridade quase exclusiva, o que caracteriza uma migração solidária.

No livro "Mundos em Movimento: Compreendendo a Migração Internacional no Final do Milênio" (Massey, 1998), Douglas Massey e seus coautores² ressaltam a relevância das redes sociais e de solidariedade na migração internacional. Eles defendem que tais redes, conhecidas como correntes de migração solidária, são fundamentais para a compreensão dos padrões e dinâmicas migratórias. Segundo os autores, essas redes não apenas facilitam a migração, mas também a sustentam e intensificam ao longo do tempo. Essa perspectiva ajuda a explicar o porquê algumas regiões e comunidades apresentam movimentos migratórios mais constantes e robustos, evidenciando a importância das relações interpessoais e de apoio comunitário na jornada migratória.

O presente estudo tem o intuito de compreender a cultura, a identidade e a reterritorialização desses imigrantes e como eles mantêm suas características nessa nova comunidade, a Região Administrativa - RA do Gama. Essa população apresenta uma cultura singular e rica que pode enriquecer a cidade e seus habitantes.

A escolha do tema foi motivada pela observação direta da região, onde o autor reside e trabalha, o que permitiu o contato presencial e permanente com esses, agora

¹ As regiões administrativas são subdivisões territoriais do Distrito Federal, cujos limites físicos, estabelecidos pelo poder público, definem a jurisdição da ação governamental para fins de descentralização e coordenação dos serviços públicos de natureza local.

² Joaquín Arango, Graeme Hugo, Ali Kouaouci, Adela Pellegrino e J. Edward Taylor.

moradores palestinos. Nesse contexto, o que mais chamou a atenção foi a expressiva quantidade de pessoas com descendência árabe, em particular da Palestina; e a forte presença de comércios pertencentes a eles. Esses aspectos evidenciam a relevância do presente estudo que visa entender as motivações dessa migração para o Brasil até a chegada na Região Administrativa do Gama – RA II, no Distrito Federal.

No decorrer deste estudo, serão analisados aspectos relacionados à migração palestina, com recorte no Brasil, posteriormente o trajeto da migração de Goiás até o Distrito Federal com o foco final na região administrativa do Gama. Serão discutidos o contexto histórico e cultural motivador; as mudanças econômicas impulsionadoras; a integração social da comunidade no Gama e a preservação da identidade cultural. Será lançado um olhar sobre os aspectos políticos motivadores da migração; a razão da escolha do Gama, a partir da cidade de Brasília; e como a presença dessa comunidade tem contribuído para a promoção do intercâmbio cultural entre a Palestina e o Brasil. Por fim, será examinado o papel da identidade cultural e religiosa dos palestinos na assimilação da nova cidade. Como afirma Hamid (2012, p. 171).

Vale ainda problematizar como a imagem produzida acerca dos refugiados palestinos pelos profissionais ou o que é definido como a “cultura dos refugiados” é condizente com o conjunto de imagens reificadas do árabe e/ou muçulmano que tem sido amplamente produzido e propagado internacionalmente, o que Said (1990) nomeou como orientalismo.

A imigração dos palestinos para Brasília (em especial a região administrativa do Gama – RA II) é um tema relevante e complexo, que proporciona uma reflexão sobre vários aspectos que envolvem a interação entre culturas e as dinâmicas migratórias. A presença dessa comunidade contribui para a diversidade cultural da cidade, enriquecendo a sociedade e promovendo o intercâmbio cultural. Para um melhor entendimento e desenvolvimento deste trabalho, de agora em diante, o texto refere-se à Região Administrativa do Gama – RA II apenas como 'Gama' ou 'cidade do Gama'. Portanto, faz-se uma explicação superficial sobre a diferença entre uma Região Administrativa e uma cidade.

A principal diferença entre cidades e regiões administrativas está na estrutura de governança e autonomia administrativa. Enquanto as cidades são geralmente governadas por autoridades eleitas localmente por meio do voto e possuem maior autonomia, às regiões administrativas tendem a ser geridas por representantes do governo, nomeado pelo governador, com menos autonomia que uma cidade. Ambas,

no entanto, desempenham papéis cruciais na organização e administração de áreas geográficas específicas, visando à provisão de serviços públicos e ao gerenciamento de recursos locais.

Para melhor fundamentar este trabalho, o capítulo 1 apresenta alguns conceitos fundamentais que embasam a compreensão do fenômeno migratório, bem como a inserção da comunidade palestina no contexto brasileiro, com foco no Distrito Federal. São abordados os principais fatores que impulsionam os fluxos migratórios, tanto de repulsão quanto de atração, os tipos e rotas de migração, além de uma discussão teórica sobre território, territorialidade, reterritorialização, cultura e identidade. Também se oferece uma contextualização histórica e administrativa do Distrito Federal, especialmente da Região Administrativa do Gama, permitindo situar a presença palestina no espaço urbano e social local.

Já o capítulo 2 apresenta uma narrativa sobre o processo migratório árabe, com destaque para os palestinos, desde sua chegada ao Brasil até sua fixação em Brasília. São analisadas as motivações dessa migração, os principais deslocamentos pelo território nacional e as atividades econômicas desenvolvidas por esses imigrantes, oferecendo um panorama que contribui para o entendimento da configuração atual da comunidade palestina no Gama.

Durante a elaboração do capítulo 3, mais precisamente sobre o percurso do levantamento de informações para o presente trabalho, foi possível dialogar com alguns membros da comunidade palestina que residem na Região Administrativa do Gama. A princípio, para o pesquisador era primordial identificar com precisão, informações sobre a data e o modo com que os primeiros imigrantes palestinos chegaram à região. No entanto, ao decorrer desse diálogo mostrou-me que a obtenção de datas e nomes exatos das primeiras famílias se revelaria uma tarefa bastante árdua. Não porque a memória lhes falhasse, mas porque ela é fator de cuidado por parte de cada entrevistado. Alguns se mostraram bastante reservados ao compartilharem suas histórias, como se esconder certas informações tivesse qualificação para resguardar-lhes a identidade no todo. Caso as primeiras impressões ficassem por certo de desinteresse ou carência de registros, por outro lado, mais à frente percebi, com profundidade, que tal atitude enumerava um mecanismo de auto proteção. Povos que, ao longo da história, passaram por situações de perseguição, deslocamentos forçados e perdas tendem a falar com mais cautela sobre a própria

experiência de vida, sobretudo para interlocutores que ainda lhes é desconhecido. Ao mesmo tempo, o silêncio vira um ato de resistência simbólico.

Assim, ressalta-se a importância de o pesquisador respeitar os limites de cada narrativa, sem pressionar ou insistir em maiores detalhes ou assuntos específicos. Percebe-se que ouvir com empatia, considerando a sensibilidade de falar sobre temas que reavivam experiências dolorosas, constitui uma etapa crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Embora os dados não sejam tão aprofundados quanto o desejado inicialmente, consegue-se reunir um panorama geral sobre a presença palestina no Gama, além de pontos relevantes sobre a distribuição dessa comunidade e sua inserção no local. Este capítulo apresenta os relatos de três pessoas pertencentes a diferentes famílias palestinas residentes no Gama. Por meio de conversas realizadas ao longo da pesquisa de campo, busca-se compreender aspectos subjetivos da experiência migratória e do processo de reterritorialização vivenciado por essas famílias. O objetivo não é apenas documentar suas trajetórias individuais, mas também evidenciar elementos culturais, religiosos, identitários e sociais que compõem o cotidiano da comunidade palestina local.

A escolha por incluir as falas dessas pessoas parte do reconhecimento de que o conhecimento acadêmico não se constrói apenas com dados estatísticos e teorias abstratas, mas também com as vivências, memórias e percepções daqueles que experienciam, na prática, os efeitos do deslocamento, da reconstrução territorial e da preservação cultural. Como aponta Thompson (1992), a história oral permite resgatar vozes silenciadas e revelar aspectos da realidade que muitas vezes escapam aos registros oficiais e às narrativas dominantes.

Os entrevistados, cujas identidades são preservadas conforme acordado previamente, pertencem a três núcleos familiares distintos e representam diferentes gerações da diáspora palestina no Gama. Suas falas deixam claro tanto os desafios enfrentados neste processo de adaptação quanto nos mecanismos de resistência e de manutenção de vínculos com sua cultura de origem. A seguir, transcrevem-se os trechos selecionados das entrevistas, e organizados de forma a preservar a integridade do discurso e permitir uma leitura que valorize o ponto de vista de cada entrevistado.

O Capítulo 4 deste trabalho dedica-se a analisar a imigração árabe no Brasil, com ênfase na sua presença na Região Administrativa do Gama, no Distrito Federal. Inicialmente, contextualiza-se o processo migratório árabe a partir do século XIX, destacando os fatores políticos, religiosos e socioeconômicos que impulsionaram essa diáspora, especialmente sob o domínio otomano. Discute-se também a complexidade da identidade árabe, que vai além de aspectos linguísticos e geográficos, abrangendo nuances culturais e nacionais distintas.

Em seguida, o capítulo aborda a chegada dos imigrantes árabes ao Brasil, sua distribuição pelo território nacional e sua inserção no mercado de trabalho, inicialmente como mascates e, posteriormente, como comerciantes e empresários consolidados.

Por fim, o estudo concentra-se na presença árabe no Distrito Federal, em particular no Gama (RA II), explorando como essa comunidade se estabeleceu, contribuiu para o desenvolvimento regional e manteve suas tradições culturais.

O Capítulo 5 deste trabalho concentra-se na diáspora palestina, explorando suas causas históricas, características e impactos, com ênfase na presença dessa comunidade no Distrito Federal, em especial na região do Gama. O capítulo inicia-se com uma análise dos fluxos migratórios palestinos para o Brasil, marcados por deslocamentos forçados devido a conflitos políticos e militares, especialmente após a Nakba (1948) e a Guerra dos Seis Dias (1967). Esses eventos não apenas dispersaram milhares de palestinos pelo mundo, mas também consolidaram uma identidade diaspórica profundamente ligada à resistência e à preservação cultural.

A discussão avança para a questão religiosa e identitária, destacando como o Islã e o cristianismo coexistem na Palestina e como essas tradições são mantidas na diáspora. Apesar das diferenças sectárias, a identidade palestina se fortalece como um elo de união, transcendendo fronteiras religiosas e geográficas.

O capítulo também aborda a negação histórica do Estado Palestino, desde o Mandato Britânico (1922-1948) até as ocupações israelenses, evidenciando como narrativas políticas e midiáticas têm contribuído para o apagamento simbólico desse povo. A resistência palestina, portanto, não se limita ao conflito armado, mas se manifesta na preservação da memória, da língua e dos costumes em terras distantes.

Por fim, o estudo se volta para a comunidade palestina no Gama, analisando sua chegada, adaptação e contribuições socioeconômicas. Por meio de relatos

peçoais, são explorados temas como choque cultural, preconceito, integração e esperanças para o futuro. Essas narrativas revelam uma comunidade que, mesmo longe de sua terra natal, mantém viva sua cultura e luta por reconhecimento, demonstrando resiliência e capacidade de reconstrução em um novo território.

Cabe esclarecer que ao longo deste trabalho, a forma masculina (forma não marcada, ou seja, neutra) do gênero gramatical será utilizada para se referir a pessoas de todos os gêneros, conforme a norma culta da língua portuguesa e as orientações da ABNT. Especificamente, o uso do termo "palestinos" que se refere ao povo palestino como um todo, englobando homens e mulheres, sem qualquer tipo ou intenção de exclusão ou invisibilização de gênero.

1 OBJETIVOS

1.1 Geral

Este trabalho tem como objetivo de estudo a imigração árabe com foco na comunidade palestina residente na Região Administrativa do Gama, no Distrito Federal.

1.2 Específicos

- Entender o histórico migratório da população árabe para o Brasil e como foi o início dessa jornada.
- Investigar as motivações e razões que levaram os imigrantes árabes a escolherem Brasília como seu destino, mais especificamente os (as) palestinos (as) ao Gama.
- Identificar as necessidades e desafios enfrentados pelos imigrantes palestinos na integração à sociedade brasileira, incluindo questões de idioma, emprego e acesso aos serviços públicos;
- Analisar o papel da identidade cultural e religiosa dos palestinos na sua integração na cidade, e/ou como esse fator influencia suas relações sociais e profissionais;

2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

1. *Pesquisa bibliográfica*: Fazendo análises de bibliografias, documentos como estudos acadêmicos, dados censitários e registros históricos, que forneceram informações sobre o contexto histórico, político, econômico e social que motivou a migração árabe para o Brasil e para Brasília (para compreender sua chegada o Gama).

2. *Pesquisa de campo*: A estratégia consistiu em identificar, mapear e registrar os ramos de atividades econômicas nos quais os palestinos estão inseridos. Inicialmente, buscou-se informações diretamente com aqueles (as) que são alvo deste estudo. Paralelamente, se conversou com comerciantes da região, buscando referências e orientações sobre a localização de estabelecimentos pertencentes a palestinos (as) ou seus descendentes.

3. *Entrevistas semiestruturadas*: Para essa etapa de pesquisa de campo, se realizou entrevistas de forma presencial e semiestruturadas com três indivíduos do sexo masculino, com idades superiores a 45 anos, casados e com filhos, ambos da comunidade palestina no Gama, com uma duração média de 90 minutos com cada participante, com perguntas que abordam aspectos culturais, históricos, econômicos e identitários. O roteiro não seguirá um número fixo de perguntas, pois se respeitou o fluxo natural do diálogo com cada entrevistado e conforme a natureza da entrevista e dos objetivos do trabalho.

3 MIGRAÇÃO: CONCEITOS, TERRITÓRIO, CULTURA E HISTÓRIA

A compreensão dos processos migratórios é fundamental para analisar a inserção da comunidade palestina no Brasil, especialmente no Distrito Federal. Os termos migração, emigração e imigração, embora frequentemente utilizados como sinônimos, apresentam diferenças conceituais importantes que ajudam a entender as dinâmicas dos deslocamentos humanos.

O termo **migração** refere-se a todo movimento de indivíduos ou grupos que se deslocam de um território para outro, seja dentro de um mesmo país (migração interna) ou entre países (migração internacional). A migração pode ser temporária ou permanente, envolvendo a saída e/ou entrada em diferentes regiões.

A **emigração** refere-se especificamente ao ato de deixar a terra natal, é o ponto de vista de quem parte. Trata-se de uma decisão voluntária ou forçada de se afastar de seu local de origem, podendo ser motivada por diferentes fatores, como: busca por melhores condições de vida, segurança, ou fuga de perseguições políticas e religiosas. Por outro lado, a **imigração** corresponde à chegada de indivíduos ou grupos em um novo território, com o objetivo de fixar residência, temporária ou permanentemente, sob a ótica do país ou região receptora. Assim, um mesmo indivíduo é considerado emigrante ao deixar sua terra e imigrante ao chegar ao novo destino (Museu da imigração do Estado de São Paulo, 2020).

No contexto das migrações internacionais, como a dos palestinos, esses conceitos se tornam ainda mais complexos. O migrante, ao deixar sua terra natal, carrega consigo não apenas bagagens materiais, mas também culturais, sociais e emocionais. O processo migratório envolve, muitas vezes, a condição de enfrentar desafios como a adaptação de um novo idioma, a convivência com culturas diferentes e a necessidade de reconstruir redes sociais e familiares. Essas mudanças podem gerar tensões e sentimentos de estranhamento, tanto para o migrante quanto para a sociedade que o acolhe. Mesmo sem confrontos armados, o preconceito, a xenofobia e a desinformação sobre a cultura do imigrante podem dificultar a integração plena, perpetuando barreiras invisíveis no novo ambiente.

Compreender as motivações para a migração é essencial. Diversos fatores podem impulsionar ou forçar a saída de pessoas de suas terras de origem. Entre os principais fatores de repulsão estão a fome, guerras, perseguições políticas ou

religiosas, desemprego, desastres naturais e violações de direitos humanos (Betts, 2011). Por outro lado, os fatores de atração incluem oportunidades econômicas, estabilidade política, acesso à educação e saúde, liberdade religiosa e possibilidade de reunião familiar. No caso dos palestinos, a combinação de conflito armado, ocupação territorial, restrições de direitos e busca por melhores condições de vida são determinantes para o deslocamento, sendo o Brasil um dos destinos possíveis devido à sua tradição de acolhimento e diversidade cultural.

O quadro a seguir apresenta de forma sintética os principais fatores envolvidos nos processos migratórios:

Tabela 1 - Fatores de Atração e Repulsão

Fatores	Exemplos
Atração	Oportunidades econômicas, estabilidade política, saúde, educação, liberdade civil e religiosa, reunião familiar, clima favorável
Repulsão	Fome, guerras, epidemias, desemprego, perseguição política e religiosa, desastres naturais, discriminação

Fonte: Betts, Alexander "Survival Migration: A New Model for Understanding Human Mobility" (2011)

A decisão de migrar raramente é simples. Como observa Klein (1999), a maioria dos migrantes não deseja abandonar sua terra natal ou sua comunidade. O deslocamento se impõe quando as condições de vida se tornam insustentáveis, seja por razões econômicas ou ameaças à segurança. Além disso, há casos de migração forçada, quando populações são obrigadas a deixar seu país devido à perseguição baseada em nacionalidade, religião ou etnia, como ocorre com grupos palestinos, sírios, afegãos e ruandeses.

No contexto da migração laboral, a mobilidade dos trabalhadores está diretamente relacionada às dinâmicas do capital e às necessidades dos mercados globais. A busca por melhores condições de trabalho e renda explica parte significativa dos fluxos migratórios, permitindo que trabalhadores (as) atravessem fronteiras em busca de oportunidades que não encontram em seu país de origem. No entanto, essa mobilidade é marcada por desigualdades e fragmentação do espaço, refletindo relações de poder e interesses econômicos que nem sempre favorecem quem migra (MASSEY et al., 1998, p. 89).

A experiência palestina ilustra de forma clara as múltiplas dimensões desses conceitos. O cenário de instabilidade política e conflito prolongado no Oriente Médio força milhares de palestinos a emigrar, em busca de refúgio, segurança e oportunidades em outros países. Além dos fatores políticos, questões econômicas e familiares também pesam nas decisões individuais e coletivas, com redes de apoio organizadas por familiares e conterrâneos já estabelecidos em outros destinos, como o Brasil. Esse apoio auxilia na adaptação, aprendizado do idioma e inserção no mercado de trabalho local, facilitando a construção de novas trajetórias de vida (Klein, 1999).

Em síntese, compreender os conceitos de migração, emigração e imigração, bem como os fatores que os motivam, é essencial para analisar a presença e a integração da comunidade palestina no Distrito Federal. Esses conceitos nos permitem compreender que, para além do deslocamento físico, migrar envolve processos de adaptação, negociação de identidades e desafios cotidianos, tanto para quem chega quanto para quem recebe, compondo um cenário dinâmico e multifacetado no contexto contemporâneo da mobilidade humana.

3.1 Território, territorialidade e reterritorialização

A migração, é um fenômeno intrinsecamente ligado à mobilidade humana, e que provoca profundas transformações nos contextos territoriais que envolvem, tanto os migrantes quanto às regiões de seu acolhimento. Assim como os deslocamentos populacionais contribuem para uma reconfiguração das dinâmicas culturais, sociais e econômicas, ampliando a pluralidade e promovendo a formação de núcleos étnicos diversos. Este processo, além de enriquecer a identidade dos migrantes, potencializa o intercâmbio e a construção de novos vínculos entre distintas comunidades, tornando evidente sua complexidade nas relações humanas na era da globalização.

Sob essa perspectiva, é fundamental analisar a dinâmica entre território, territorialidade, desterritorialização e reterritorialização. O conceito de território, embora frequentemente associado apenas à delimitação geográfica, ultrapassa essa dimensão simplista, pois trata-se de um espaço apropriado e reivindicado por indivíduos e coletividades, dotado de significados culturais, sociais, políticos e econômicos. Assim, o território é resultado da interação histórica entre sociedade e

espaço geográfico, funcionando simultaneamente como espaço vivido, construído e disputado (Haesbaert 2004).

A compreensão de que o território é uma construção histórica e relacional, permite reconhecer sua suscetibilidade a transformações contínuas. Entre essas transformações, destaca-se o fenômeno da desterritorialização, que ocorre quando as fronteiras e identidades territoriais são desestabilizadas ou rompidas, seja por processos como a globalização, conflitos armados, perseguições políticas ou religiosas, assim como ocorre atualmente na Palestina, onde milhares de pessoas são forçadas a abandonar seus lares e territórios em virtude de conflitos e ações violentas.

É importante ressaltar que, ao tratar de exemplos contemporâneos como a Palestina, é necessário fundamentar as análises em fontes reconhecidas e manter o rigor acadêmico, evitando posicionamentos simplistas ou reducionistas. O conceito de território é, portanto, multifacetado e interdisciplinar, portanto, na geografia, Friedrich Ratzel (1990), pioneiro na abordagem política do território, definiu-o como espaço sob domínio de determinado grupo humano, enfatizando o controle político e a soberania. Além disso, a polissemia do conceito de território permanece mesmo dentro da geografia, conforme aponta Haesbaert (2019). O território abrange tanto natureza quanto sociedade, relacionando-se a fatores econômicos, políticos, culturais, estruturais e ambientais. Por isso, ele pode expressar desde a degradação ambiental até formas de resistência e proteção, evidenciando a multiplicidade de apropriações e relações historicamente condicionadas.

Saquet (2006) reforça essa complexidade ao afirmar que o território é um produto e uma condição histórica, que se manifesta em múltiplas escalas e dimensões, englobando variáveis materiais e imateriais, onde também destaca o território como espaço de residência, produção, mobilidade, expressão artística e aspirações coletivas, sendo simultaneamente um espaço objetivo e subjetivo, dinâmico e plural.

Milton Santos (2000) contribui com a diferenciação entre território utilizado como recurso e como abrigo. Para grupos hegemônicos, o território representa um recurso para viabilizar interesses específicos; já para grupos em situação de vulnerabilidade, é um abrigo, um espaço de sobrevivência e resistência. Haesbaert (2019) também enfatiza que o território é apropriado não apenas politicamente, mas

também cultural e economicamente, refletindo redes complexas de poder, dominação e resistência.

Diante dessas múltiplas abordagens, é possível compreender o território como expressão de poder e identidade, e que, os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização refletem movimentos contínuos de construção, disputa e adaptação espacial. Haesbaert (2004) observa que a vida social é marcada por constantes deslocamentos e ressignificações territoriais, tornando indispensável a análise histórica e geográfica prévia para interpretar qualquer configuração territorial.

A territorialidade, por sua vez, refere-se ao modo como esses grupos e indivíduos se estabelecem, mantêm e defendem sua presença em determinado território, nisto envolvem-se práticas, símbolos, rituais e estratégias que reforçam a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que delimitam fronteiras físicas e simbólicas (HAESBAERT, 2019). Dessa forma, podemos dizer que a territorialidade é um processo dinâmico e multifacetado, profundamente influenciado pelo contexto histórico e social.

A reterritorialização, nesse contexto, vem emergir como uma resposta adaptativa à desterritorialização, por tanto trata-se de um processo pelo qual grupos e indivíduos buscam reconstruir e reafirmar suas identidades e vínculos territoriais diante de novos desafios e contextos. A reterritorialização envolve estratégias culturais, políticas, econômicas e sociais que visam restabelecer pertencimento e controle sobre espaços, como se observa na diáspora palestina em países como o Brasil, onde comunidades migrantes recriam práticas, laços e territórios simbólicos em resposta à perda de seu espaço original se adequando ao novo território. Como relatou um dos entrevistados: “Eu nunca vou esquecer a primeira vez que uma vizinha, a Dona ... trouxe pão de queijo para nossa casa, dizendo ‘sejam bem-vindos’.” (Entrevistado 3, 2024)

Por fim, a investigação desses fenômenos torna-se imprescindível para apreender a riqueza e a complexidade das experiências humanas em um mundo marcado pela mobilidade, pelos conflitos e pela permanente disputa dos espaços de vida. A compreensão crítica do território, em diálogo com diferentes áreas do conhecimento, permite analisar de modo mais profundo as transformações sociais e

os desafios contemporâneos que afetam populações migrantes e sociedades de acolhimento.

3.2 Cultura e identidade

O que exatamente podemos definir como cultura? Conforme Eagleton (2003), cultura é uma construção complexa que abrange um conjunto de representações, identidades e ideologias, adquirindo uma importância política significativa. Além disso, como Santos (2009, p. 83) ressalta, a discussão sobre cultura pode gerar polarizações enganosas, como a distinção entre o erudito e o popular, ou criar a ilusão de uma supremacia dos interesses dominantes.

O professor Roque Laraia (2008, p.67), com uma perspectiva antropológica, explora a noção de que a cultura molda a visão de mundo das pessoas. Em resposta, muitas vezes, os indivíduos tendem a se posicionar rapidamente de acordo com as normas de sua comunidade cultural.

Dessa forma, podemos perceber que essas reflexões nos conduzem ao cerne das questões de identidade, etnocentrismo e diferença. Isso ocorre devido ao fato de que a cultura, mesmo não sendo uma instituição formal ou oficial, atua como uma espécie de supervisor informal da imigração, tanto daqueles que deixam sua terra natal quanto daqueles que os recebem.

Isso se manifesta quando parentes ou amigos que emigraram para outro país, comentam sobre como os hábitos e comportamentos mudaram em seu novo contexto sociocultural, expressando frases como "como as coisas mudaram!" ou "eles se tornaram ingleses/argentinos, etc."

A identidade, como sendo uma representação do indivíduo, está intrinsecamente relacionada à noção de diferença, que, por sua vez, venha a ser reconhecida e atribuída dentro de um sistema de poder (SILVA, 2007, p. 91). Em outras palavras, a relação entre representação, identidade e diferença é inseparável e está sujeita à classificação cultural, que a integra no âmbito do poder cultural.

3.3 De Goiás ao Gama: A trajetória de migração dos árabes, com ênfase na comunidade palestina

Para que possamos ter um melhor entendimento da chegada dos árabes no Gama (em especial os palestinos) devemos compreender um pouco de sua trajetória, saber por onde estiveram, até o momento em que se estabeleceram no Gama. Portanto esta é uma história marcada por uma trajetória de migração e adaptação a diferentes localidades no Brasil.

Segundo Nunes (2000), parte dessa peregrinação começou no Goiás³, procuravam se estabelecer nas cidades ao longo da Estrada de Ferro⁴, como Goiânia, onde os primeiros imigrantes árabes residiram e trabalharam. Motivados por oportunidades econômicas e em busca de melhores condições de vida, parte desses pioneiros deixaram Goiânia e se dirigiram para Anápolis em vista de novas oportunidades ofertadas pelo crescimento da região. Em Anápolis, eles continuaram a desenvolver suas atividades econômicas e a se integrar à comunidade local.

Posteriormente, uma nova fase de migração levou esses árabes para Brasília, durante a construção da capital federal, onde encontraram um ambiente em crescimento e cheio de novas oportunidades, o que os incentivou a fixar moradia e desenvolverem suas vidas profissionais e sociais. Brasília serviu como um importante ponto de transição e adaptação, onde muitas dessas famílias árabes puderam prosperar e estabelecer uma forma mais sólida.

Finalmente, a busca por um ambiente comunitário e a expansão das áreas residenciais e comerciais, levou esses migrantes ao Gama. Nesta região, eles encontraram um espaço propício para construir uma nova vida, estabelecendo negócios, formando redes sociais e contribuindo para o desenvolvimento local. A chegada ao Gama representa o capítulo mais recente dessa jornada migratória, onde os palestinos puderam consolidar sua presença e sua identidade, integrando-se à comunidade e deixando sua marca no desenvolvimento da região.

³ A vinda dos árabes para Goiás se deu a partir da última década do século XIX, com um afluxo maior na década de 1920. <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/48357/23695/>

⁴ As cidades por onde a Estrada de Ferro passavam no sudeste goiano são Cumari, Goiandira, Ipameri, Catalão, Roncador, Pires do Rio, Vianópolis, Silvânia, Leopoldo de Bulhões, e depois Anápolis e Goiânia. (NUNES, 2000).

3.4 História de Brasília

A construção da nova capital teve início em abril de 1956, no comando do então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, com a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP⁵) e o projeto de lei 2.874.

Lúcio Costa foi o vencedor do projeto urbanístico⁶ e Oscar Niemeyer o autor dos principais projetos arquitetônicos da cidade. Os candangos⁷ comemoram ao lado de Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, Lúcio Costa e Juscelino Kubitschek, os principais responsáveis pela construção de Brasília.

Em 21 de abril de 1960, Brasília nascia para o mundo e para a sua gente. Com os projetos urbanísticos de Lúcio Costa e os projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, surgia uma cidade sob formas inovadoras, diferente de tudo já feito até então. Fonte: (DISTRITO FEDERAL, 2020)

3.5 Sobre Brasília e suas cidades satélites

O Distrito Federal é dividido em RA's (Regiões Administrativas). O governo é chefiado pelo Governador do Distrito Federal, auxiliado pela Câmara Legislativa composta por 24 deputados distritais.

O Distrito Federal é formado pelo Plano Piloto, que engloba as Asa Sul e Norte. As regiões centrais que formam a cidade de Brasília são a do Lago Sul, Lago Norte, setor Sudoeste, Octogonal, Cruzeiro Velho e Cruzeiro Novo. Um pouco mais distante das áreas centrais, ficam as demais regiões administrativas (antigamente chamadas de "cidades satélites"), que são cidades de pequeno e médio portes, totalizando 35 RA's, que estão localizadas a uma distância variável entre de 6 e 50 km do Plano Piloto. Essas cidades satélites possuem administração própria, sob coordenação do Governador do Distrito Federal e da SUCAR⁸.

Os órgãos do governo federal, embaixadas, residências oficiais e prédios públicos federais, estão localizados no Plano Piloto, nas asas sul, norte e no lago sul,

⁵ Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - Empresa do Governo do Distrito Federal

⁶ Que partiu do traçado de dois eixos cruzando em ângulo reto como o sinal da cruz. Um destes eixos leva às áreas residenciais, sendo levemente inclinado, dando à cruz a forma de um avião; o outro eixo, abriga os prédios públicos e os palácios do Governo Federal.

⁷ Nome dado aos primeiros habitantes da nova cidade.

⁸ Secretaria de Estado de Coordenação das Administrações Regionais.

em sua grande maioria. Brasília (Plano Piloto) é dividida em áreas para facilitar a concentração de empresas de um mesmo segmento, tais como: Setor Bancário, Setor Comercial, Setor Hospitalar, Setor de Diversões, Setor de Autarquias, Setor de Clubes, Setor de Embaixadas, áreas residenciais, comerciais locais, dentre outras.

4 IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL E A REGIÃO ADMINISTRATIVA DO GAMA, DISTRITO FEDERAL

Para compreender as origens da presença árabe no Brasil, é necessário olhar para os acontecimentos que precederam a diáspora, especialmente no contexto do Oriente Médio sob domínio otomano, que durou entre 1516 a 1918. A imigração árabe moderna fez parte de um movimento iniciado pelos povos da região do Mediterrâneo no século XIX, onde vários motivos desencadearam essa movimentação demográfica, entretanto, o mais importante deles foi a liberdade religiosa, que para os cristãos e os muçulmanos que não conseguiram levar uma vida normal devido à pressão do império otomano, assim como a liberdade no campo do trabalho; a liberdade de evolução possível e uma ampla liberdade traduzida num sentido de responsabilidade, que é a base do progresso humano (Safady, 1972, p.9).

Fatores políticos e religiosos também contribuem para essa insatisfação. O governo otomano controlava o clero e os seus seguidores, e também alimentava a intolerância religiosa, fazendo com que a região fosse devastada por grandes conflitos, que levaram à morte de milhares de pessoas.

Outros fatores econômicos e sociais também contribuíram para a diáspora⁹ árabe: pobreza; fome; impostos elevados; corrupção no governo otomano; falta de escolas; cuidados de saúde inadequados para o povo; serviços militares obrigatórios que arrastava jovens para as linhas de frente da guerra otomana; ataques e execuções por parte do regime. Tudo isso motivou sua saída em busca de novas terras (Cury, 2009).

Os conflitos que assolam o mundo árabe têm impulsionado, e continuam a fazê-lo, a busca por novos horizontes em regiões como a Europa, a Oceania e as Américas. A emigração, motivada por fatores políticos, religiosos e pressões demográficas e socioeconômicas, viu suas primeiras correntes migratórias árabes desembarcarem no Brasil a partir das últimas duas ou três décadas do século XIX. Predominantemente, esses imigrantes eram de origem síria e libanesa, inicialmente identificados como turcos devido aos passaportes emitidos pelo Império Turco-Otomano, que exercia domínio sobre eles.

⁹ Diáspora é um conceito derivado de uma palavra grega que pode ser traduzida como “dispersão”. A diáspora é a desagregação ou êxodo dos membros de uma comunidade que devem deixar sua terra natal. Fonte: <https://conceito.de/diaspora>

4.1 Quem são os árabes?

Atualmente, se consideram árabes aqueles que falam a língua árabe, ou, os naturais da península arábica e os cidadãos de um dos mais de vinte países que compõem a Liga Árabe¹⁰, incluindo nações como, Líbia, Tunísia, Marrocos, Kuwait, Argélia, Iêmen do sul, Barém, Catar etc... No entanto, essa classificação é simplista e vaga, pois, embora o grupo partilhe a mesma língua e haja proximidade geográfica territorial existe expressiva heterogeneidade entre grupos e comunidades.

Primeiro, a língua árabe não é uniforme, apresentando vários dialetos, o que por vezes dificulta a comunicação entre os integrantes da comunidade árabe. Outros aspectos referem-se à identificação. O libanês, por exemplo, aparentemente não se importa em ser rotulado como "árabe", situação oposta ocorre quando se trata do jordaniano pois a Jordânia sendo governada pela dinastia Hachemita¹¹, cuja origem remonta ao Profeta Maomé. Os hachemitas têm uma posição de prestígio no mundo muçulmano devido à sua descendência do Profeta Maomé. Isso confere à Jordânia uma posição única no contexto islâmico, que pode não ser completamente capturada pela noção convencional de arabilidade¹².

A designação "árabe" ou pertencimento ao povo árabe para essas pessoas vai muito além de meras conotações linguísticas ou geográficas. O sentimento de pertencimento ou identificação com sua nação de origem ou aldeia é muito mais profundo do que o de cidadão de um mundo árabe mais amplo.

De acordo com uma pesquisa conduzida pela Universidade de Maryland em países como Egito, Jordânia, Líbano, Marrocos, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, a identidade mais significativa para esses indivíduos é a de ser cidadão de seu próprio país, e não apenas ser considerado árabe (UNIVERSITY OF MARYLAND, 2020).

Os árabes, quando questionados sobre qual dessas identidades é a mais importante para eles, as respostas obtidas foram as seguintes: 35% se identificaram

¹⁰Formação atual da liga árabe: Argélia, Bahrein, Comores, Djibuti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina (representada pela Autoridade Palestina), Qatar, Arábia Saudita, Somália, Sudão, Síria, Tunísia.

¹¹ Linhagem real muçulmana.

¹² Caracterização superficial igualando todos os países de língua árabe, assim como a cultura, história, identidade e religião.

como cidadãos de seu país, 32% como árabes, 32% como muçulmanos e apenas 1% como cidadãos do mundo (ibidem, p.19).

4.2 A diáspora árabe no Brasil

O Brasil é o segundo país que mais acolhe estrangeiros Árabes, seguido pelos Estados Unidos, que ocupa o primeiro lugar. Estima-se que 86 mil árabes chegaram aos Estados Unidos entre o final do século XIX e 1914, enquanto o Brasil recebeu aproximadamente 60 mil no mesmo período. Houve um maior fluxo de imigrantes de 1880 até a Primeira Guerra Mundial, período durante o qual a imigração foi subsidiada pelo governo brasileiro. Muitos sírios e libaneses foram encorajados a imigrar para o Brasil enquanto o imperador brasileiro Dom Pedro II visitou os países árabes e os convidaram a imigrar para o Brasil, com isso podemos entender que essa é uma migração centenária que tem origem nos tempos do Império Brasileiro, onde Dom Pedro II procurou pessoas de outros países para ajudar a construir a América. Como a abolição da escravatura foi premeditada, o imperador passou por diversos países em busca de imigrantes para trabalhar e viver em solo brasileiro (SOUZA, 2018).

Essa abertura do Brasil à imigração árabe teve grande influência das políticas e ações do Império, incentivado pelo próprio Dom Pedro II, especialmente com a busca por substituição da mão de obra escrava. Essa aproximação gerou impactos concretos no imaginário coletivo árabe sobre o Brasil, como mostra Safady (1972) ao destacar

que:

A visita do Imperador D. Pedro II aos países árabes, na década de 1880, reforçou a difusão em prol da emigração dos árabes ao Brasil, pois em 1910 foi editado um resumo da história do Brasil, no Cairo, pela editora Al-Hilál de propriedade de Jorge Zaidan (imigrante libanês, cristão), que, na apresentação pretendeu, com aquele trabalho, orientar os árabes, ampliando seus conhecimentos sobre o Brasil, que considerava como o país do futuro, tão procurado por seus conterrâneos libaneses (SAFADY, 1972 p. 43).

A visita do Imperador Dom Pedro II contribuiu muito para o processo de imigração do povo árabe. Mas, segundo o autor, o que mais atraiu foram as notícias sobre o novo mundo, onde esses imigrantes árabes que chegaram ao Brasil no século passado, que vinham principalmente do Líbano, da Síria e da Palestina, estavam à procura de novas terras. Com o espírito aventureiro, buscar terras desconhecidas

onde possam formar seu próprio ambiente e com isso consigam estruturar suas vidas junto de suas famílias. Portanto, de acordo com Safady (1972):

A moderna penetração árabe no Brasil, na segunda metade do século XIX, apresenta várias características, destacando-se por ter sido desenvolvida pelos cristãos; quanto aos judeus e mulçumanos árabes, estes levaram muitas décadas depois, para iniciarem sua emigração (SAFADY, 1972, p. 39).

Dentre 1880 e 1940, aproximadamente 3.834.060 imigrantes chegaram ao Brasil, deste aproximadamente 100 mil eram de origem árabe, porém os desembarques diminuíram significativamente durante a primeira guerra mundial (1914-1918).

Safady (1972) argumentou que a imigração árabe ocorreu rapidamente a partir de 1880, onde a primeira presença calculada desses imigrantes no Brasil seria feita em 1900, 20 anos após o início da imigração. Naquela época, haviam cerca de 80 mil sírios e libaneses no Brasil, mas na atualidade existem por volta de 12 milhões de libaneses e seus descendentes no Brasil, isso é quase o triplo da população de lá¹³.

Como houve uma grande diminuição no número de imigrantes durante a Primeira Guerra Mundial, o número de imigrantes que chegou ao país após a guerra, entre as décadas de 1920 e 1930, foi considerado um período de fluxos elevados, com mais de 7 mil imigrantes desses países chegando ao Brasil, principalmente em 1926 (Nunes, 2000). Porém, como menciona o autor, o número de imigrantes que aqui chega cai novamente na década de 1930. Com a crise de 1929, se deu início no Brasil a implementação de restrições à imigração que foram endurecidas nos anos seguintes, causando essa redução na migração árabe.

Essa crise se caracterizou pela superprodução de mercadorias sem compradores, intensificando as tensões entre os setores agrícolas e industriais.

Em 1934, o governo de Getúlio Vargas estabeleceu a lei de cotas de imigração¹⁴ e passou a controlar a entrada de estrangeiros no país, com exceção dos portugueses (BRASIL, 1934). Após um período de declínio, uma nova onda migratória de árabes para o Brasil avançou a partir dos anos 1970.

¹³ Hoje tem mais libaneses no Brasil do que no Líbano. São 12 milhões de libaneses no Brasil e 4,5 milhões no Líbano. E mais de 12 mil brasileiros vivem no Líbano (REDAÇÃO DO G1, 2017).

¹⁴ A Lei de Cotas foi um projeto de restrição à entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil. Decreto Nº 24.215 de 09 de maio de 1934. Assinado por Getúlio Vargas.

Os imigrantes árabes que chegavam ao país vinham principalmente do Líbano, da Síria e também da Palestina. Eles estavam procurando novas terras. Com espírito aventureiro, buscam terras desconhecidas onde pudessem, com suas famílias, se reestruturar e facilmente ganhar a vida. Um dos fatores que contribuem para o crescimento do número de imigrantes árabes até hoje é a generosidade dos brasileiros e a forma como sempre acolheram os outros. A boa impressão criada pelas notícias sobre o Brasil, a promessa de uma vida pacífica, de enriquecimento rápido, de respeito pela liberdade e da supremacia da ordem e da lei.

Assim como acontecia no passado a situação de guerra ou conflito civil ainda provoca a imigração. A fuga da repressão e do constrangimento, juntamente com a busca pela liberdade e pela paz, motivam ainda hoje a vinda desses árabes. Conforme Nunes (ibidem) essa seria a terceira razão mais comum para a imigração para o Brasil.

No início da imigração árabe, no século XIX, não havia obstáculos para entrar no Brasil (TRUZZI, 2001). E era mais fácil entrar no país devido às exigências menos rigorosa do Serviço de Imigração local se comparado as exigências impostas pelos Estados Unidos para sua entrada ao país.

Nas décadas de 1920 e 1960, o número de pessoas que entraram no país voltou a aumentar. Ao final da década de 1930, especialmente com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, o Brasil assistiu a uma nova e significativa redução nas chegadas de estrangeiros de diferentes nacionalidades, intensificado pela lei de cotas imposta em 1934 e pela lei dos 2/3¹⁵ e 1930, com isso essa redução na chegada de estrangeiros no país continuou durante todo o conflito da segunda guerra mundial.

Tabela 2 - Principais Ondas Migratórias de Árabes para o Brasil

Anos	Total	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Árabes ¹⁶
1884	23.574	10.502	8.683	710	-
1885	34.724	21.765	7.611	952	-
1886	32.650	20.430	6.287	1.617	-
1887	54.932	40.157	10.205	1.766	-
1888	132.070	104.353	18.289	4.736	-
1889	65.165	36.124	15.240	9.712	-

¹⁵ A Lei dos 2/3, entrou em vigor com o decreto Nº 19.482 assinado em 12 de dezembro de 1930, onde se impunha um número mínimo de brasileiros contratados pelo mercado de trabalho, desde fábricas, empresas e instituições públicas.

¹⁶ Nos documentos citados, os árabes são identificados como turcos, sírios, libaneses, egípcios e persas.

1890	106.819	31.275	25.125	12.008	-
1891	215.239	132.296	32.349	22.176	3
1892	85.906	54.993	17.797	10.471	93
1893	132.589	58.552	28.986	30.998	-
1894	60.182	37.266	17.251	6.497	-
1895	164.831	97.344	36.055	17.641	378
1896	157.423	81.605	20.530	14.837	49
1897	144.866	27.454	7.423	7.253	717
1898	76.862	13.673	9.300	2.586	1.195
1899	53.610	9.052	6.262	5.399	2.082
1900	37.807	3.773	6.285	1.758	874
1901	83.116	3.544	6.175	1.758	781
1902	50.472	3.216	6.789	1.847	772
1903	32.941	3.084	7.617	2.295	481
1904	44.706	2.977	11.747	3.296	1.907
1905	68.488	3.468	14.120	3.115	1.446
1906	72.332	4.318	16.795	4.074	1.193
1907	57.919	18.238	25.681	9.235	1.480
1908	90.536	13.873	37.628	14.862	4.514
1909	84.090	13.668	30.577	16.219	4.190
1910	86.751	14.163	30.857	20.843	5.989
1911	33.575	22.914	47.493	27.141	7.294
1912	177.887	31.785	75.530	35.492	7.741
1913	190.333	30.886	76.701	41.064	11.101
1914	79.232	15.542	27.935	18.945	3.577
1915	30.333	5.779	15.118	5.895	1.039
1916	31.245	5.340	11.981	10.306	721
1917	30.277	5.478	6.817	11.113	320
1918	19.793	1.050	7.981	4.225	95
1919	36.027	5.231	17.068	6.627	517
1920	69.042	10.005	33.883	9.136	5.141
1921	58.476	10.779	19.981	9.523	1.997
1922	65.007	11.277	28.622	8.869	2.307
1923	84.549	15.839	31.866	10.140	4.888
1924	96.052	13.844	23.267	7.238	4.170
1925	82.547	9.846	21.508	10.062	4.001
1926	118.686	11.977	38.791	8.892	7.338
1927	97.974	12.487	31.236	9.070	3.650
1928	78.128	5.493	33.882	4.436	4.019
1929	96.186	5.288	38.879	3.565	2.766
Total	3.725.949	1.092.003	1.050.203	470.400	100.826

Fonte: *Relatórios do Ministério da Agricultura (1890-1929) e Revista de Imigração e Colonização*, ano V, n. 3, set. 1944, p. 587-590.

Outro dado interessante de analisar é o perfil dos primeiros imigrantes árabes. Os sírios e libaneses eram rapazes solteiros que geralmente viviam em aldeias ou zonas rurais. No entanto, apesar disso, a cidade estava bastante ocupada quando chegaram. À medida que ficavam ascendia socialmente, conquistando riquezas e bens, ordenavam buscar os irmãos, os pais e os familiares (Cury, 2009).

Portanto, quando os árabes chegaram em solo brasileiro, sua identidade mudou para adequar-se ao contexto local. Há algo curioso nos nomes árabes, pois quando chegaram ao Brasil, mudaram e adotaram nomes mais comuns no país. Essa mudança foi feita porque eles levaram consigo documentos turcos otomanos quando desembarcaram no porto brasileiro. Devido às dificuldades de comunicação e aos diferentes idiomas, eles passaram a ser chamados de turcos e assim permaneceram por muito tempo. Descobriram que adotar nomes brasileiros era uma forma de evitar esse problema (Abad, 2018).

Mesmo depois de deixarem a sua terra natal, os árabes não esqueceram o berço das suas famílias e orgulham-se das tradições que cultivaram. Como destacou um dos entrevistados: “O Ramadã é sagrado para todos nós. Nos reunimos, jejuamos, oramos juntos, tudo como deve ser. [...] mesmo longe da nossa terra, sentimos que Allah sempre está conosco” (Entrevistado 3, 2024).

É um fato bem conhecido que estas pessoas dessa etnia, nunca desistiram de seus valores familiares. Nunes (2000), destaca que à medida que os imigrantes chegam, eles começam a viver de forma independente e a enfrentar novos desafios. Enquanto isso, eles ganham o dinheiro que querem e mandam para suas casas, ajudando suas famílias que ainda não migraram para o Brasil. Os símbolos de prestígio econômico começaram a passar da terra para o dinheiro, ou seja, apenas ter terras já não significava mais tanta coisa, mas ter dinheiro sim, o que ajudou a conduzir uma certa mudança na natureza da relação entre pais e filhos.

As trajetórias da imigração árabe foram muito semelhantes para todos. Inicialmente, começaram a trabalhar como vendedores ambulantes, vendendo de porta em porta. Quando obtinham sucesso, tornavam-se comerciantes e varejistas, seguindo os passos até entrarem na indústria (Cury, 2009). Com o tempo, à medida que conquistavam estabilidade financeira, muitos deles decidiram não retornar à sua terra natal, o que contrariava o plano inicial de emigrar temporariamente com o objetivo de acumular capital e, depois, regressar à sua pátria.

Enviavam ajuda econômica a seus familiares distantes sempre que possível. Isso ocorre devido ao estabelecimento de laços afetivos, redes sociais e estabilidade socioeconômica que desenvolveram no Brasil e sobretudo, as condições paupérrimas dos familiares em seus lugares de origem. Esses que optaram por não retornar aos seus países de origem, alegaram que já haviam criado "suas próprias redes sociais e familiares na cidade" e acreditavam que não se readaptariam "à vida e aos costumes do antigo país" (ibidem, p. 93).

Os imigrantes árabes ao chegarem no Brasil, se depararam com um sistema agrícola baseado em grandes latifúndios no estado de São Paulo, algo muito diferente do que estavam habituados em sua terra natal. No entanto, essa realidade acabou por influenciar, de certa forma, a distribuição desses imigrantes pelo território nacional (MOTT, 2000). Apesar de terem origens majoritariamente rurais, evitavam o trabalho agrícola, pois isso se devia à observação de que imigrantes de outras nacionalidades já haviam optado por essa ocupação e, portanto, viram a possibilidade de seguir outro caminho.

De encontro ao que foi afirmado por Cury (2009), Oswaldo Truzzi (1993), diz que esses imigrantes, inicialmente tinham a intenção de acumular capital por um período e depois retornar às suas famílias em seus países de origem. Contudo, o que era planejado como uma estadia provisória acabou se tornando permanente em muitos casos, pois, ao invés dos imigrantes voltarem frequentemente, foi o restante de suas famílias que vieram juntar-se a eles, no Brasil.

Truzzi também afirma que a maioria dos árabes optaram por se estabelecer nas cidades e ganhar a vida como comerciantes autônomos, em vez de trabalhar nas lavouras do interior, como muitos outros estrangeiros que haviam sido contratados para o trabalho rural. Inicialmente, esses imigrantes se dedicaram ao pequeno comércio, atuando como vendedores ambulantes, frequentemente chamados de "mascates".

Aqueles que se estabeleceram nos centros urbanos começaram a desenvolver empreendimentos que foram crescendo e se desenvolvendo no curso do tempo: como por exemplo o restaurante Almanara fundado em 1950 por Zuhair Coury, descendente de uma família de libaneses, onde sua primeira unidade do Almanara encontrava-se no coração de São Paulo.

Figura 1 - restaurante Almanara fundado em 1950 por Zuhair Coury



Fonte: POP KITCHEN BRAZIL. Almanara: desde 1950 no mesmo lugar. 2009

O crescimento demográfico foi fator preponderante para que o comércio ambulante tivesse sucesso nessa época. Teve-se a ampliação do mercado consumidor que demandava produtos/bens que chegavam nos lugares mais longínquos graças à flexibilidade material. Os “mascates” podiam se deslocar para diferentes áreas e vender seus produtos que eram relativamente fáceis de transportar (ALMEIDA, 2014).

O termo “mascates” surge daí e, além da insatisfação com o trabalho quase escravo e com as ferramentas superfaturadas, também está relacionado ao passado rural do Brasil, com muitas pessoas vivendo em fazendas distantes das cidades.

Uma nova onda migratória direcionou-se para as cidades brasileiras no início do século XX, especialmente aquelas com uma concentração significativa de indústrias em ascensão e serviços, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro. Entre os principais grupos que optaram por essa imigração urbana estavam os árabes, especialmente os libaneses e sírios.

Desde o final do século XIX, os imigrantes árabes já haviam se espalhado por quase todas as regiões do Brasil.

No presente, o Brasil se destaca como um dos principais destinos para imigrantes árabes na América Latina. Entre os grupos, destacam-se os libaneses, com 73.948 pessoas, os egípcios, com 17.666 pessoas, e os jordanianos, com 4.241 pessoas, de acordo com dados das Nações Unidas entre os anos de 2000 a 2019. Segundo Souza (2020), aproximadamente 12 milhões de pessoas, no Brasil, possuem ascendência árabe, representando cerca de 6% da população total.

Quanto à Palestina, não há evidências documentadas de um fluxo significativo para o território brasileiro, embora isso não signifique de forma alguma a ausência de palestinos no país. Essa situação se assemelha à da Arábia Saudita que também não há um fluxo migratório significativo que tenha sido documentado.

4.2.1 A chegada ao estado de Goiás

Pode-se observar que a imigração é um fenômeno extremamente complexo, e seria inadequado definir essa complexidade de maneira superficialmente positiva ou acolhedora e por vezes, isso é feito nos dicionários ao usar o termo "acolher". Portanto, podemos iniciar nossa exploração das culturas migratórias, com foco nos grupos árabes.

É importante destacar que não se pode generalizar a cultura árabe como um todo, pois em Goiás, especificamente, recebe imigrantes sírios, libaneses, turcos, e em menor número, palestinos e egípcios. Portanto, turcos, libaneses e sírios desempenharam um papel mais significativo na configuração da cultura contemporânea em Goiás.

A imigração árabe para Goiás teve início na última década do século XIX, ganhando mais intensidade durante a década de 1920. Os árabes que chegaram a Goiás nessa época buscavam estabelecer-se nas cidades situadas ao longo da Estrada de Ferro, onde muitos deles acompanhavam o avanço da ferrovia para novas localidades e mudavam-se de acordo com esse deslocamento.

Segundo Nunes (2000), os árabes que escolheram algumas cidades goianas para morar, sonhando em abrir o próprio negócio, mas devido às dificuldades financeiras passaram a obter mercadorias de um comerciante já estabelecido.

4.2.2 Em Anápolis

Portanto, a grande contribuição destes árabes e seus descendentes para o desenvolvimento naquela cidade deixou uma marca profunda na história de Anápolis. Os pioneiros não conseguiram perceber o valor do seu trabalho e a extensão da sua contribuição para a cidade.

Até hoje, libaneses e sírios têm grande influência em diversas áreas da cidade, seja nos negócios, na indústria, na medicina ou mesmo no esporte. Tem dado uma

importante contribuição não só para a cidade, mas também para o desenvolvimento de Goiás e para a diversidade cultural do país (Cury, 2009).

Anápolis também foi uma cidade escolhida para moradia por algumas famílias árabes a partir do século XIX. O patriarca Abdala Carim Nabut saiu de Anápolis e chegou em Brasília para transportar combustível, ainda antes da inauguração da cidade. Anos depois, a família passou a investir na construção civil e ergueu alguns dos primeiros cinemas de Brasília: o Cine Karim, na Asa Sul; o Cine Márcia, no Conjunto Nacional e várias outras salas pela cidade.

Figura 2 - Carim Nabut e seu caminhão durante a construção de Brasília



Fonte: HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. *Pioneiros árabes de Brasília*. 2019

Também de Anápolis veio William Habib Naoum para fundar um dos hotéis mais tradicionais de Brasília: o Naoum Plaza.

Figura 3 - Hotel Naoum Plaza



Fonte: HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. *Pioneiros árabes de Brasília.* 2019

4.2.3 A chegada ao Distrito Federal

Dezenas de famílias descendentes de árabes, sírios e libaneses vieram para a capital do país em busca de novas oportunidades. Muitos de seus sobrenomes estão até hoje pelos prédios e estabelecimentos da cidade. Conheça alguns:

Em 1957, os irmãos José e Edmon Baracat chegaram em Brasília, vindos do interior de São Paulo. No início dos anos 1960, abriram uma loja de eletrodomésticos, o Magazine Itabráz. Na década seguinte, partiram para o ramo da construção civil e ergueram o Brasília Rádio Center, na Asa Norte; o edifício Baracat, no Setor Comercial Sul; e o Conjunto Baracat, no Conic.

Na mesma época, compraram um terreno para construir um shopping center, que seria o segundo da cidade (o Conjunto Nacional havia sido inaugurado em 1971). Mas a obra ficou embargada por quase vinte anos e só foi inaugurada em 1997: o Shopping Pátio Brasil.

Figura 4 - Edifício Baracat, no Setor Comercial Sul



Fonte: HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. Pioneiros árabes de Brasília. 2019

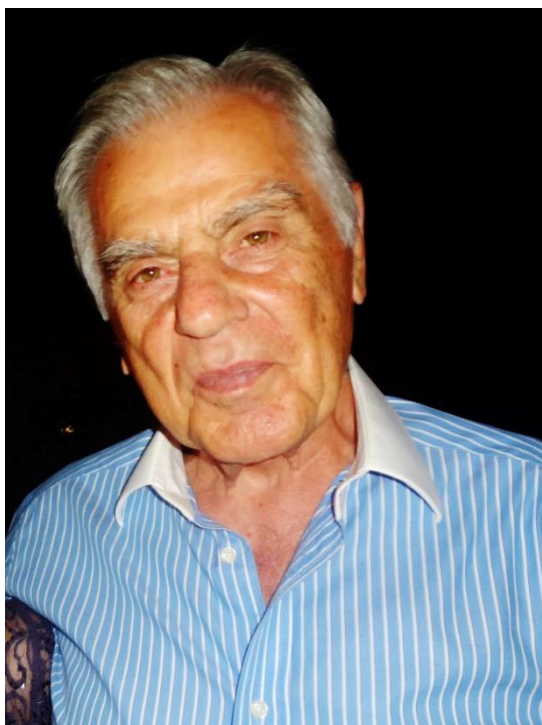
Já o paulista Salim Bittar chegou por aqui em 1970 e construiu um dos primeiros hotéis do Setor Hoteleiro Sul, que não tinha quase nada naquela época: o Phenícia. Atualmente, a família Bittar é dona de uma rede com seis hotéis, todos na capital.

Figura 5 - América Bittar Hotel, Brasília



Fonte: booking.com; 2024

Figura 6 - Salim Bittar, pioneiro no Setor Hoteleiro Sul



Fonte: *HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. Pioneiros árabes de Brasília. 2019*

Nos anos 1950, os imigrantes sírios Munia e Aziz Abdalla Jarjour moravam em Belo Horizonte quando souberam da construção da nova capital do Brasil no Planalto Central. Chegaram em Brasília em 1958 e, no ano seguinte, fundaram o Café Arábia, o primeiro café fabricado na capital.

Com o passar dos anos, seus filhos seguiram com sucesso em outros ramos empresariais, como os Postos Jarjour (combustíveis) e Jarjour Empreendimentos (produtos imobiliários).

Figura 7 - Munia e Aziz Jarjour, fundadores do Café Arábia

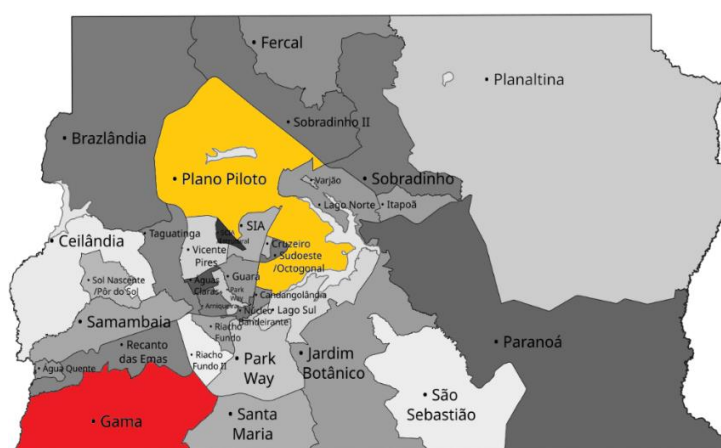


Fonte: HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. Pioneiros árabes de Brasília. 2019

4.3 Sobre a região administrativa do Gama – RA II

Localizada a cerca de 30 km de Brasília, a Região Administrativa do Gama (RA II) tem suas origens ligadas à mudança da capital federal para o Planalto Central. O processo de ocupação começou com cerca de mil moradores ainda nos anos 1950 e se intensificou após a construção da barragem do Lago Paranoá, que levou à remoção e reassentamento de famílias na região.

Figura 8 - Mapa das regiões administrativas do DF



Fonte: GAMALIVRE. As Regiões Administrativas do DF. 2020

Fundado oficialmente em 12 de outubro de 1960, o Gama foi consolidado como região administrativa pela Lei nº 4.545/1964. Sua urbanização seguiu um modelo setorial, com traçado inspirado em colmeias. Desde então, a região cresceu significativamente, recebendo populações de outras áreas do Distrito Federal, como Vila Amaury, Vila Planalto e Taguatinga.

A economia local é diversificada, com destaque para o comércio, serviços e pequenas indústrias, além da agricultura em áreas periféricas. O setor de serviços é forte, com presença de unidades de saúde, escolas públicas e instituições de ensino superior. A infraestrutura de segurança, transporte e lazer atende bem à população, o que contribui para a atratividade da região.

Em termos sociais, dados da PDAD17 (2024) indicam que o Gama possui uma população urbana de aproximadamente 134 mil habitantes, com idade média de 35 anos. A renda domiciliar média é de R\$ 5.034,40 e a renda per capita gira em torno de R\$ 1.772,90. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) da região, segundo o último senso feito por regiões administrativas no Distrito Federal, a PDAD (2024), revela bons indicadores nas áreas de longevidade, educação e renda.

A infraestrutura, aliada à relativa qualidade de vida, pode ter influenciado a fixação de comunidades estrangeiras no local, como a palestina. Esses elementos fornecem uma possível base territorial e social para compreender os processos de reterritorialização e preservação identitária dessa população, tema abordado nos próximos capítulos.

Como argumenta Milton Santos (1996, p. 13), o espaço não é apenas o palco onde os acontecimentos se desenrolam, mas sim como um agente ativo da vida social. Desse modo, compreender as dinâmicas populacionais e os indicadores socioeconômicos do Gama, nos permite aprofundar a uma análise sobre como a comunidade palestina se insere nesse espaço, contribuindo para a construção de uma leitura crítica da sua trajetória e de sua permanência.

¹⁷ A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (**PDAD**) é uma pesquisa realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) a cada dois anos.

5 COMUNIDADE PALESTINA NO BRASIL

A questão da presença palestina no Brasil faz parte de um processo histórico mais amplo de diáspora árabe, motivada por diversos fatores como: políticos, sociais e econômicos. O Brasil começou a receber imigrantes do Oriente Médio, especialmente vindos do Líbano e da Síria, países que junto com a Palestina, integravam a antiga região do Império Otomano a partir do final do século XIX. Essa onda de imigração palestina, no entanto, é peculiar justamente pela série de deslocamentos forçados a que foram submetidos em decorrência da colonização britânica, da expansão do movimento sionista e, sobretudo, da formação do Estado de Israel, em 1948. O próprio termo palestino Nakba, traduzido para o português que dizer “catástrofe”, o que se refere ao êxodo de mais de 750 mil palestinos e palestinianas.

No Brasil, a comunidade palestina foi se desenvolvendo dentro da uma lógica conhecida como redes migratórias, que já haviam sido estabelecidas por outros grupos de árabes, o que facilitou a sua inserção inicial no mercado de trabalho e na nova sociedade. Muitos desses palestinos chegaram ao país com documentos jordanianos, libaneses ou sírios, o que veio a dificultar a identificação específica de sua nacionalidade em registros oficiais da época. Segundo Jardim (2006), essa ambiguidade documental refletia o contexto político da Palestina pós-1948, especialmente após a anexação da Cisjordânia pela Jordânia e o estatuto de apátridas que muitos palestinos passaram a carregar.

A integração dos palestinos no Brasil seguiu, em parte, a mesma trajetória de outros imigrantes árabes: comércio ambulante, pequenas lojas, envolvimento em redes familiares e empresariais, além da fundação de instituições sociais, culturais e religiosas. Como destaca Truzzi (2001), “a continuidade cultural e identitária entre os árabes no Brasil tem se mantido por meio de associações comunitárias, clubes e templos religiosos, que servem como pontos de encontro, socialização e resistência simbólica”. Ainda que a presença dos palestinos não tenha se institucionalizado com a mesma intensidade que de outras nacionalidades árabes, ela está fortemente representada em diversas cidades brasileiras, tendo como destaque a cidade de São Paulo, Foz do Iguaçu, Curitiba, Porto Alegre e o Distrito Federal.

Em muitos casos, essa presença palestina no Brasil vem se renovando com a chegada de novos refugiados, especialmente após os momentos de intensificação do

conflito no Oriente Médio, como as intifadas, a ocupação da Faixa de Gaza e todas as ofensivas militares israelenses. Essas novas ondas migratórias trouxeram ao país indivíduos e/ou famílias em situação de refúgio, ampliando o contingente da comunidade e fortalecendo laços de solidariedade e resistência política.

Segundo Rashid Khalidi (2020), a identidade palestina em diáspora não é apenas um produto do exílio, mas uma resposta ativa à ocupação, à fragmentação territorial e à tentativa sistemática de apagamento. No Brasil, essa identidade é ressignificada por meio de expressões culturais, manifestações políticas, eventos comunitários e práticas religiosas, que mantêm viva a memória do território perdido e alimentam o sentimento de pertencimento coletivo.

É nesse contexto que a Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL) surge como uma das principais instituições representativas da comunidade palestina no país. Fundada em 1979, a FEPAL atua na articulação de políticas de apoio à Palestina, promoção da cultura árabe-palestina e defesa dos direitos dos refugiados. Além disso, promove eventos, palestras e campanhas de conscientização sobre a causa palestina, contribuindo para a inserção desse debate no cenário político e acadêmico brasileiro.

A comunidade palestina no Brasil, embora muitas vezes invisibilizada pela ausência de dados precisos e pela sobreposição com outras identidades árabes, carrega uma trajetória de resistência, reconstrução e pertencimento. Como destaca Sayad (2002), “o exílio é uma condição que define o imigrante não apenas pelo lugar de onde saiu, mas pelo modo como se reinscreve no novo território”. Ser palestino no Brasil é, portanto, carregar consigo uma memória de luta, um passado de expulsão e um presente marcado pela tentativa de manter viva uma identidade que insiste em não desaparecer.

5.1 A diáspora Palestina

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), o fluxo migratório oriundo do chamado "mundo árabe" para o Brasil sofreu uma drástica redução, dentre os fatores que contribuíram para essa queda estavam o colapso do Império Otomano, os bloqueios internacionais e a instabilidade político-econômica da época. Em conformidade com Almeida (2000), entre 1895 e 1914, mais de 57 mil imigrantes

árabes chegaram ao Brasil. No entanto, entre 1914 e 1919, o número caiu drasticamente para apenas 2.693 pessoas. Com a estabilização relativa do cenário internacional, o intervalo entre guerras (1920-1930) assistimos a uma recuperação migratória, com o ingresso de cerca de 42.210 imigrantes árabes no país.

Tendo uma dificuldade em identificar com precisão a nacionalidade dos imigrantes árabes que chegaram ao Brasil nesse período, se deve em grande parte, à fragmentação geopolítica do Oriente Médio. Palestinos, sírios e libaneses muitas vezes entravam com documentos emitidos pelo Império Turco-Otomano e eram genericamente identificados como “turcos”. Esse problema de categorização documental invisibilizou grupos específicos, como os palestinos, dificultando seu mapeamento demográfico posterior.

O caso palestino, no entanto, se destaca por sua complexidade, por que a partir do colapso do Império Otomano, a Palestina passou a ser alvo de interesses coloniais das potências ocidentais, principalmente após o Mandato Britânico estabelecido pela Liga das Nações em 1922. O movimento nacionalista palestino ganhou força em resposta às promessas não cumpridas de autodeterminação, à intensificação do sionismo e à imigração judaica para a região. Segundo Jardim (2003), a formação identitária palestina nesse contexto se entrelaça com os processos de descolonização, resistência e redefinição de território, marcando profundamente a constituição de uma diáspora com fortes elementos de exílio político.

De acordo com Nabulsi (2003), os palestinos representam aproximadamente um terço de toda a população refugiada mundial, e tal proporção revela o impacto estrutural de uma diáspora que se originou, sobretudo, após a Nakba, termo que significa "catástrofe", utilizado para descrever o êxodo forçado de mais de 700 mil palestinos em 1948, durante a criação do Estado de Israel. Esse deslocamento em massa impulsionou novas ondas migratórias para o Líbano, Síria, Jordânia, Egito e, posteriormente, para países das Américas, incluindo o Brasil.

A diáspora palestina não deve ser entendida apenas como um fenômeno demográfico, mas sim como um processo político e existencial. Conforme destaca Sayad (2002), o exílio não é simplesmente uma questão de deslocamento geográfico, mas uma ruptura violenta com o pertencimento, com o lar e com a identidade. Isso se aplica fortemente aos palestinos, cuja memória coletiva é marcada por sucessivos deslocamentos, negações territoriais e tentativas de apagamento cultural. Ainda

segundo o autor, o imigrante é constantemente “lembrado de sua condição de estrangeiro, mesmo quando tenta integrar-se ao novo espaço”.

Nesse sentido, o fortalecimento da identidade palestina em diáspora passou a ser um mecanismo de resistência simbólica. A construção de uma consciência nacional à distância do território tornou-se possível por meio da manutenção de tradições culturais, do idioma, da religião e da memória do exílio. Como afirma Benedict Anderson (2008), as nações são comunidades políticas imaginadas, e no caso palestino, essa imaginação coletiva se sustenta mesmo na ausência de um Estado soberano, sendo reforçada em cada família, celebração e relato oral que remonta ao território perdido.

Assim, compreender a diáspora palestina não é apenas relatar números e fluxos migratórios, mas reconhecer a luta por existência, pertencimento e dignidade diante de uma longa história de deslocamentos forçados. Essa compreensão se faz essencial para qualquer estudo que busque abordar a presença palestina em contextos locais, como no caso da cidade do Gama, no Distrito Federal.

5.1.1 Religião e sua identidade na Palestina

Como argumenta Nina Evason (2020), quando se fala em Palestina, não dá pra ignorarmos o peso da religião na forma como o povo se vê e se reconhece. Boa parte dos palestinos, mesmo os que vivem longe de casa, seguem o islamismo sunita e uma pequena parte a vertente xiita. Mas também há cristãos entre eles, sendo uma minoria na verdade, e geralmente se concentram em lugares como Jerusalém Oriental, Belém, Ramallah e até mesmo Gaza. Acredita-se que aproximadamente 52.000 cristãos palestinos vivam na Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental. Já a presença judaica ali tem outra história, mais ligada à chegada dos colonos israelenses. E, em muitos casos, esses colonos levam a religiosidade mais a sério do que muita gente em Israel propriamente dito, além de que em quase sua totalidade, eles também são sionistas.

Essa conexão entre o Islã e a terra palestina não é de hoje, vem lá do século VII, na época em que o mundo islâmico começou a se expandir. Jerusalém, que é uma cidade sagrada para as três religiões, têm locais importantes pros muçulmanos, principalmente a Mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha, por exemplo. O problema é que, apesar da importância desses lugares, nem sempre os próprios palestinos

conseguem chegar até eles. A ocupação israelense impõe uma porção de barreiras, tanto físicas quanto políticas.

No dia a dia dos territórios palestinos, dá pra perceber como a religião molda a vida das pessoas. As leis que regulamentam o casamento, divórcio, herança, tudo isso segue a sharia, um sistema legal e ético do Islã, um conjunto de normas que regulam vários aspectos da vida dos muçulmanos, desde a vida pessoal até as relações sociais e políticas. Basicamente a lei islâmica. E mesmo com tantas adversidades, como a falta de recursos ou os conflitos que parecem não ter fim, a fé continua firme. O Ramadã¹⁸ como por exemplo, é de fato levado muito a sério. Já os cristãos, mesmo sendo poucos, vivem em grande harmonia com a maioria muçulmana. Ambos acabam sofrendo com as mesmas limitações impostas por Israel, e, curiosamente, é a identidade nacional palestina que parece juntar todo mundo, mais até do que a religião.

Muita gente vê o conflito com Israel como uma guerra de religiões. Mas para quase que a totalidade dos palestinos, o problema real é com o sionismo, e não com o judaísmo. Essa diferença é fundamental. Percebe-se que este conflito, ou melhor, este genocídio é mais por territórios e questões políticas da parte de Israel, e por dignidade e sobrevivência por parte dos palestinos, do que por simplesmente uma crença religiosa.

No fim das contas, pra entender de verdade essa palestinidade, é preciso olhar pra esse entrelaçamento entre fé, lugar e pertencimento. Principalmente quando se fala da diáspora, onde ser palestino não é só nascer em determinada terra, mas carregar uma história, uma resistência e uma cultura que nunca se apagará.

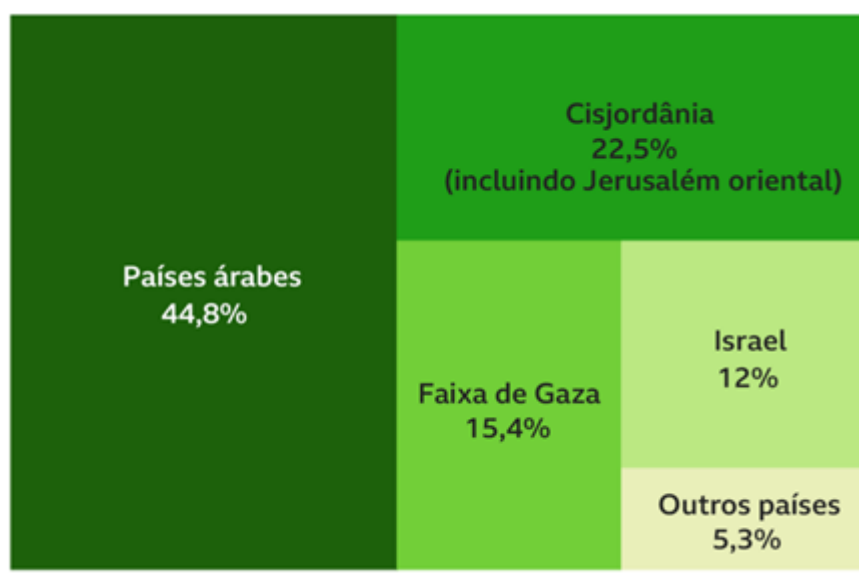
5.2 Quantos refugiados palestinos existem pelo mundo?

A questão dos refugiados palestinos continua sendo uma das mais dissimuladas e difíceis de resolver no cenário global. Desde 1949, a ONU criou a UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo) para tentar dar algum suporte humanitário a esse povo que vive no limbo. De acordo com a própria agência, o termo “refugiado palestino” vale pra quem

¹⁸ O Ramadã é o nono mês do calendário islâmico (Hégira) e um dos períodos de adoração mais sagrados para os muçulmanos.

morava na Palestina entre 1º de junho de 1946 e 15 de maio de 1948, mas perdeu moradia e meios de subsistência em decorrência dos eventos de 1948 (UNRWA, 2024).

Figura 9 - População palestina ao redor do mundo: 14,63 milhões



Fonte: Escritório Central Palestino de Estatísticas - BBC

Quando começou a funcionar, por volta de 1950, a UNRWA atendia cerca de 750 mil palestinos expulsos, porém esse número hoje ultrapassou os 6 milhões. Só nos campos oficiais (existem 58 deles) vivem mais de 1,5 milhão de pessoas. Esses campos hoje estão espalhados pela Jordânia, Líbano, Síria, Faixa de Gaza (o que ainda restou dela) e Cisjordânia (incluindo Jerusalém Oriental). E fora os campos "certificados", ainda tem os improvisados, como o de Yarmouk, perto de Damasco, na Síria (G1 Mundo, 2024).

Esse crescimento absurdo na quantidade de refugiados palestinos tem tudo a ver com o conflito (hoje um genocídio) que nunca teve fim entre Israel e Palestina, além da expansão dos assentamentos irregulares israelenses e dos constantes episódios de excessiva violência contra os palestinos. A diáspora palestina na realidade, não foi causada só por um evento no passado, ele se tornou um processo contínuo, onde essas pessoas são impedidas de ter um território, uma nacionalidade ou até mesmo um senso de pertencimento. Como diz Fiddian-Qasmiyeh (2016): ser refugiado palestino virou uma identidade forçada, empurrada “goela abaixo” e

sustentada por uma burocracia internacional que reconhece o problema, mas não resolve nada.

Na América Latina, o Brasil acabou virando destino pra muitos desses palestinos. O problema é que, por causa dos documentos emitidos por países como Jordânia, Síria e Líbano, muitos acabaram nem sendo reconhecidos oficialmente. Jardim (2006) explicou que, depois da guerra, muitos que vieram para o Brasil apareceram como “jordanianos” nos papéis, por causa da tutela que a Jordânia tinha sobre a Cisjordânia, entre 1948 e 1967.

A chegada dos palestinos ao Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, foi possível, graças a redes de apoio já criadas por outros imigrantes árabes. Esses contatos ajudaram bastante com adaptação, trabalho e aquele empurrãozinho inicial. Segundo Jardim (2006), boa parte começou vendendo mercadorias como mascates, comprando de comerciantes maiores e rodando pelas cidades e zonas rurais com seus produtos.

Essa estrutura, muito presente no Rio Grande do Sul, foi essencial para que eles pudessem se ascender socialmente. O comércio local já era bem ativo e funcionou como um “ímã”, atraindo mais imigrantes. Mesmo fugindo da guerra, eles vieram no Brasil um lugar onde dava pra recomeçar com dignidade. De acordo com Hamid (2007), o comércio já estabelecido nessas regiões funcionava como um “ímã econômico”, atraindo novos imigrantes que, mesmo em condição de refúgio, vieram nesse ambiente uma possibilidade concreta de reconstrução da vida. Apesar de muitas vezes passarem despercebidos no radar da opinião pública, os palestinos que estão aqui no Brasil carregam uma história danosa e cheia de resistência e reinvenção. É uma diáspora que até os dias atuais segue viva, não só porque muitos ainda vivem como refugiados, mas também porque continuam resistindo, se adaptando e mantendo viva a identidade do povo palestino, mesmo a milhares de quilômetros de casa.

Essa dinâmica, especialmente presente em estados como o Rio Grande do Sul, revelou-se eficaz para o sustento e mobilidade desses indivíduos. A existência de um comércio regional dinâmico, aliado ao espírito de resistência dos palestinos, contribuiu para a consolidação de suas presenças nas fronteiras e cidades médias do interior. De acordo com Hamid (2012), o comércio já estabelecido nessas regiões funcionava

como um “ímã econômico”, atraindo novos imigrantes que, mesmo em condição de refúgio, viam nesse ambiente uma possibilidade concreta de reconstrução da vida.

A presença da comunidade palestina no Brasil, embora silenciosa em alguns contextos, carrega uma carga histórica profunda e complexa, que conecta narrativas de exílio, resistência e reinvenção, pois trata-se de uma diáspora marcada pela continuidade, não apenas pela permanência da condição de refugiado ao longo de gerações, mas também pela capacidade de se adaptar, resistir e preservar a identidade coletiva em diferentes contextos geográficos.

5.3 A negação aos fundamentos do Estado Palestino

Depois da queda do Império Otomano, o mapa do Oriente Médio foi redesenhado pelas potências europeias, onde a partir de 1922, antigas províncias árabes acabaram sob domínio indireto da França e do Reino Unido. A Palestina, nesse rearranjo político, virou território sob Mandato Britânico, conforme definido pela Liga das Nações. Porém, muito antes disso, já haviam ali movimentos nacionalistas árabes lutando pelo direito de decidir seus próprios rumos (Jardim, 2003).

Entre 1922 e 1948, os britânicos seguiram no controle da região, mas o interesse pela população local nunca foi sua prioridade, pois a geopolítica falava mais alto, as rotas do petróleo, as alianças estratégicas e o fortalecimento dos laços com os EUA, começavam a tomar um certo protagonismo global. Jardim (2006) destaca que, apesar do aparente desinteresse pelo povo palestino, o Reino Unido não abandonou o território até 1947, quando passou a para as mãos da recém-criada ONU, em meio a uma tensão crescente entre comunidades judaicas e árabes.

O coração desse problema, no entanto, está no fortalecimento do movimento sionista, nascido no fim do século XIX com o objetivo de criar uma pátria judaica na Palestina, que de acordo com Chemery (2012), o sionismo se apoia em uma interpretação religiosa e histórica que identifica a “Terra Prometida”, ou Canaã, como sendo direito legítimo e exclusivo do povo judeu. Essa visão se conecta à tradição bíblica que descreve, por exemplo, Moisés liderando os hebreus rumo a essa terra, mesmo que isso envolvesse o confronto com os povos que já viviam ali (Gênesis, 19-20).

O avanço do antissemitismo europeu, especialmente com o horror do Holocausto, impulsionou fortemente o sionismo político internacionalmente. Em 1948, os judeus da Palestina proclamaram unilateralmente a criação do Estado de Israel, com apoio quase imediato dos EUA e da União Soviética (Hourani, 1994 apud Jardim, 2000). A ONU até tentou intervir, propondo o Plano de Partilha de 1947: dois Estados, um árabe, outro judeu, e Jerusalém sob administração neutra. Só que a proposta foi vista como injusta pelos árabes. Afinal, os judeus eram menos de um terço da população e possuíam apenas 6,5% das terras, mas o plano os favorecia com mais de 55% do território (Ramid, 2010).

Essa divisão acabou servindo de estopim para Primeira Guerra Árabe-Israelense. Em 1948, países como Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque invadiram o Estado de Israel recém-proclamado. A ideia era defender a população árabe e tentar barrar a ocupação, porém o resultado foi devastador para os palestinos, pois cerca de 750 mil foram expulsos de suas casas, onde este episódio ficou conhecido como Nakba (termo árabe para “catástrofe”), que se tornou símbolo da diáspora palestina e do drama dos refugiados.

Se olharmos os dados demográficos, fica clara a disparidade. Em 1922, na Palestina haviam em torno de 750 mil habitantes, com os judeus representando menos de 10%. Entre 1920 e 1939, a imigração judaica (legal e ilegal) passou a ser por volta de 330 mil pessoas, mas já em 1946, a população judaica havia saltado para 608 mil de um total de 1,85 milhões de habitantes (Gomes, 2001).

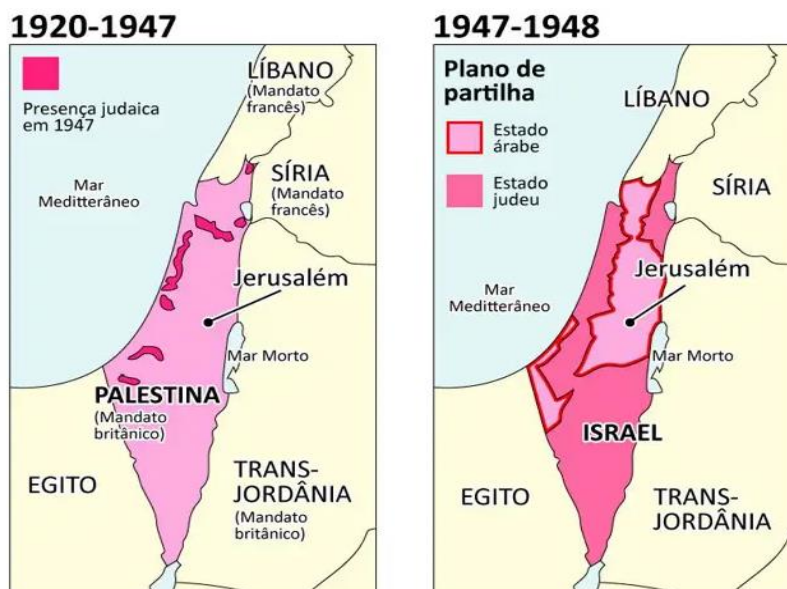
Mas o conflito não é só territorial, existe um apagamento simbólico em curso, como aponta Ilan Pappé (2016): a criação de Israel não se limitou à ocupação física, também envolveu a tentativa sistemática de apagar a presença palestina do ponto de vista histórico, cultural e institucional.

Rashid Khalidi (2020) também ressalta isso, dizendo que a luta dos palestinos é marcada por um enfrentamento constante contra narrativas que tentam negar sua existência como povo. Essa negação ainda acontece, reforçada por ocupações ilegais, bloqueios e pela falta de reconhecimento internacional pleno.

A resistência palestina, nesse cenário, vai além da luta armada. É um grito por dignidade, memória e identidade. É um esforço para preservar cultura, raízes e o direito de existir em sua própria terra.

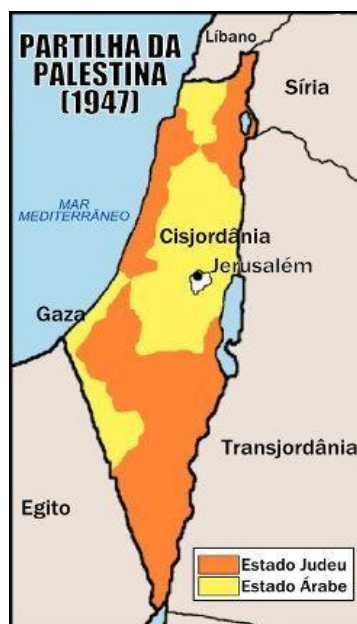
Como sintetiza Soares (1991, p. 49), enquanto os judeus realizavam o sonho antigo de retornar à Terra Prometida, os palestinos eram forçados a deixá-la, cenário que ecoa até hoje como um drama ancestral.

Figura 10 - Territórios Palestino e Judeu entre 1920 e 1948



Fonte: Site Brasil Escola

Figura 11 - Partilha da Palestina em 1947



Fonte: Site Brasil Escola

A criação do Estado de Israel se acirrou com os conflitos na região, com países árabes liderados pela Liga Árabe intensificando suas hostilidades. Esta organização

serviu como um fundamento ideológico para o pan-arabismo, uma ideologia que encontrou destaque nas políticas do líder egípcio Abdel Nasser. A concepção de que a união de milhões de árabes poderia garantir a defesa do povo palestino e expulsar potências estrangeiras consideradas prejudiciais ganhou força nesse contexto, como descreve Soares (1998):

Em meio aos interesses expansionistas das potências que ao longo dos séculos exploraram o Oriente Médio surgiu a figura do líder egípcio Gamar Abdel Nasser, desfraldando a bandeira do pan-arabismo. Procurou alicerçar sua atuação na Liga Árabe, organismo criado em 1945, contando com 22 membros. Em seu livro intitulado *Filosofia da Revolução*, Nasser expressou o seu objetivo de liderar não só os 150 milhões de árabes que se espalham desde o Golfo Pérsico até a Mauritânia como também os 420 milhões de muçulmanos da época, espalhados pelas mais diversas partes do mundo.

A Primeira Guerra Árabe-Israelense, que teve seu desfecho em 1949, onde resultou na vitória de Israel, e logo após este evento, Israel passou a promover ativamente a diáspora ou expulsão do povo palestino, forçando-os a abandonar suas terras em busca de segurança e condições mínimas para garantir sua sobrevivência, assim afirma Soares:

Em 1949 a Palestina já não existia mais e sua população original estava dispersa, apesar de todas as pressões. No novo Estado de Israel permaneceram apenas 250.000 palestinos, enquanto que 350.000 fugiram para a Faixa de Gaza; um milhão passaram a viver sob a soberania da Jordânia e 180.000 foram para o Líbano. A maior parte dessa massa humana, cerca de 80%, a partir de então viveu em campos miseráveis, com a precária assistência da UNRWA [United Nations Relief and Works Agency for Palestinian Refugees in the Near East] (SOARES, 1991. p.51).

Até 1967, as fronteiras entre os territórios palestino e israelense mantiveram-se conforme haviam sido delimitadas pela Organização das Nações Unidas (ONU). No entanto, nesse ano, Israel iniciou uma nova guerra, conhecida como a Guerra dos Seis Dias, com o intuito de ocupar áreas que pertenciam a palestina, além de regiões adjacentes pertencentes a países árabes. Essa ação visava consolidar o poder e a presença de Israel na região do Levante Oriental.

Figura 12 - Ocupação israelense em 1967, após a Guerra dos Seis Dias



Fonte: DESCOMPLICA. Oriente Médio: Israel x Palestina

O mapa acima mostra como ficou o território depois que Israel venceu a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Eles tomaram a Faixa de Gaza e a Península do Sinai do Egito, pegaram as Colinas de Golan da Síria e ainda ficaram com a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, que pertenciam à Jordânia. Essa expansão só foi possível porque Israel contou com o suporte militar e logístico dos Estados Unidos, além de ajuda da França e da Inglaterra. Enquanto isso, o Egito, a Síria e a Jordânia acabaram levando a pior.

Com o fim dessa guerra, Israel conseguiu aumentar seu território em cerca de 68 mil km², além dos 21 mil que já controlava antes (Soares, 1991, p. 59). Já as regiões de Gaza e da Cisjordânia, onde morava uma enorme quantidade de palestinos, foram ocupadas de forma violenta e passaram a receber colônias judaicas, que começaram a ser construídas numa velocidade impressionante, todas de forma ilegal, segundo o direito internacional. Ao mesmo tempo, os palestinos passaram a sofrer cada vez mais pressão para sair dessas áreas, e com isso, mais de um milhão deles ficaram sob controle direto das forças militares israelenses (Soares, 1991). Isso fez com que o processo da diáspora palestina se intensificasse cada dia mais. A guerra não é apenas um evento distante, mas algo que reverbera na vida de todos os imigrantes mesmo após sua fuga. Como afirmou um dos entrevistados: “Cada bomba que cai lá, destrói um pedaço do nosso coração aqui” (Entrevistado 3, 2024).

Nos anos que seguiram, a ONU e outros países pressionaram Israel, que acabou tendo que devolver parte dos territórios ao Egito, Síria e Jordânia, mesmo a contragosto. Só que, até este momento, os efeitos da ocupação já eram bem devastadores, e a presença palestina nas terras originais tinha diminuído drasticamente, e os impactos desse período se arrastam até hoje.

5.4 Identidade palestina

A identidade do povo palestino é como um mosaico feito de pedaços bem diferentes, compostas por religião, cultura, língua, território e história. De toda essa composição, a resiliência sem dúvidas acaba sendo um dos fios mais fortes que amarra todo esse mosaico. A tradução da palavra "Islã", para o português, pode ser transcrita como rendição, ou submissão voluntária a Deus, e seus seguidores, os muçulmanos, creem em Allah como Deus único, clemente e misericordioso. Deus esse que é o mesmo Deus reconhecido pelos cristãos e judeus. O livro sagrado dos muçulmanos, ou seja, o Alcorão sagrado, é considerado pelos seus fiéis (tanto sunitas quanto xiitas) como sendo a última revelação de Deus para os homens, e que foi revelado em etapas ao profeta Muhammad pelo anjo Gabriel.

Sendo escrito em árabe, ele é lido da direita para a esquerda, e está dividido em 114 suras (ou suratatas). Mas ele não serve só para orientar questões religiosas. O Alcorão influencia de forma direta o modo como muitos muçulmanos vivem, se comportam e enxergam o mundo. É com base nele que se estrutura a sharia, um conjunto de regras que moldam a vida cotidiana. Mesmo com essa presença forte da fé islâmica, a identidade palestina não é uma coisa única ou homogênea. Longe disso. Existe também uma presença expressiva de cristãos árabes, e isso desde os primórdios do cristianismo. Cidades como Nazaré, Jerusalém, Ramallah e Belém guardam até hoje essa convivência entre diferentes tradições religiosas. Ali, é comum ver mesquitas e igrejas dividindo a mesma paisagem urbana, às vezes até a mesma rua, o que mostra como a diversidade religiosa sempre fez parte da realidade palestina.

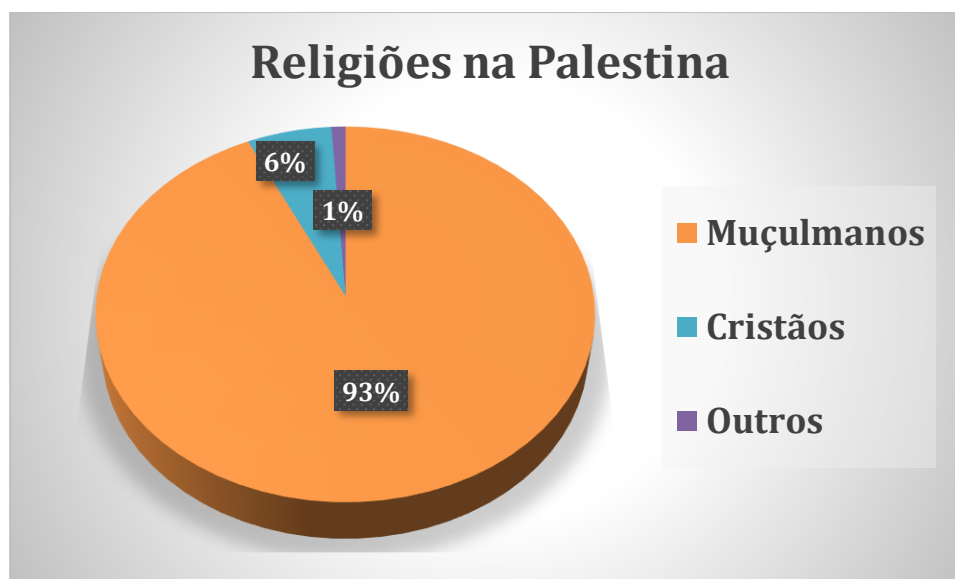
Há também um fator linguístico fundamental: o árabe. Mais do que idioma, ele é símbolo de resistência e veículo de transmissão cultural. Junto disso, o sentimento de pertencimento ao território é profundo. O intelectual palestino Edward Said dizia

que a experiência de ser palestino está ligada à perda, ao exílio e à constante luta por reconhecimento. Não é só uma origem geográfica, mas um estado de resistência.

Essa identidade, por isso mesmo, vai além das fronteiras religiosas ou culturais. Ela é, também, um gesto político. Ao longo da história, a ocupação, o deslocamento forçado e a tentativa de silenciamento fizeram com que a identidade palestina se tornasse uma forma de reafirmação diante da adversidade. Rashid Khalidi, outro pensador palestino, argumenta que a identidade nacional palestina emergiu justamente como uma reação à negação sistemática de sua existência, tanto pelo colonialismo britânico quanto pelo projeto sionista.

Religião, território, memória, símbolos, como a chave do retorno, a bandeira, os bordados tateez e as histórias passadas oralmente, todos esses elementos formam uma rede viva, que une os palestinos onde quer que estejam. Não importa se estão em campos de refugiados, na diáspora ou ainda na Palestina: a identidade segue ali, firme.

Figura 13 - Religiões na Palestina



Fonte: MUNDO EDUCAÇÃO. Palestina

Atualmente, o Distrito Federal conta com duas mesquitas: a Mesquita do Centro Islâmico de Brasília, localizada na Asa Norte, e a Mesquita Masjed Alwalidein, situada em Taguatinga. Esses espaços religiosos, além de locais de culto, funcionam como centros de encontro e fortalecimento da comunidade muçulmana na capital federal,

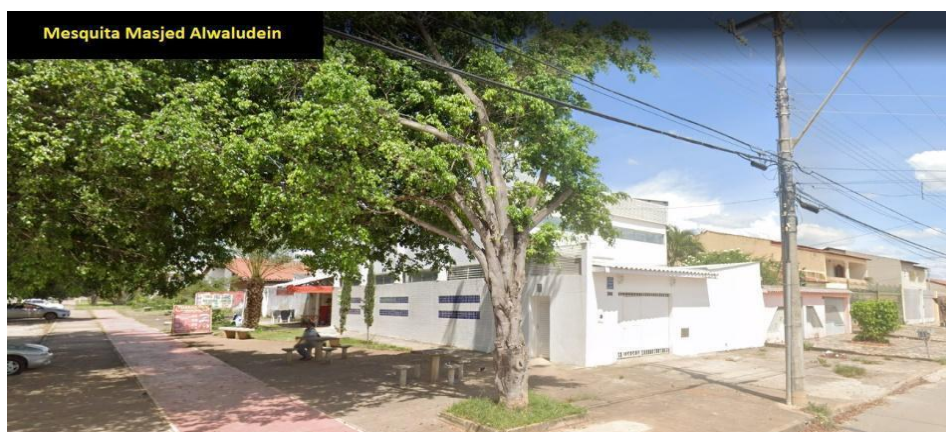
sendo também utilizados para eventos culturais, palestras, celebrações tradicionais e ações sociais.

Figura 14 - Mesquita do Centro Islâmico de Brasília – Asa Norte



Fonte: TripAdvisor (2025)

Figura 15 - Mesquita Masjed Alwalidein – Taguatinga



Fonte: Facebook (2024)

Diferente do que acontece em alguns lugares do Oriente Médio, tipo Líbano ou Síria, onde você tem bairros praticamente “etiquetados” conforme a religião do povo que vive ali (xiitas, sunitas, maronitas, drusos e por aí vai), aqui no Brasil o cenário é outro. Não temos esse tipo de divisão tão explícita. Os imigrantes árabes que

chegaram por aqui acabaram se integrando mais, deixando de lado as barreiras religiosas em nome de uma identidade mais coletiva. Árabe é árabe, seja cristão ortodoxo, muçulmano ou católico maronita. E em cidades como Brasília, por exemplo, dá pra ver isso na prática, todo mundo convivendo junto nos mesmos espaços culturais, sociais, e até religiosos, numa boa.

Truzzi, em um estudo de 2001, destacou que, já lá pelos anos 1920, muitos árabes que haviam decidido ficar de vez no Brasil começaram a criar associações, clubes e entidades com base em laços religiosos ou regionais. Era um jeito de manter vivas as tradições, reencontrar os conterrâneos e preservar os costumes trazidos na bagagem, não só literal, mas também emocional. Algumas dessas instituições sumiram com o tempo, como é natural, mas outras seguem firmes até hoje. Dá pra citar, sem medo de errar, o Esporte Clube Sírio (de 1917), o Clube Atlético Monte Líbano (1934) e o famoso Hospital Sírio-Libanês, que começou a ser pensado em 1921 e teve sua primeira sede finalizada em 1940, todos lá em São Paulo.

Mas não ficou só por lá. Em outras cidades, até nas de porte médio, você encontra clubes e centros culturais fundada por imigrantes e seus filhos, netos, bisnetos. Esses lugares viraram ponto de encontro, palco para eventos, escola de tradições e, claro, uma espécie de “porto seguro” para quem queria se sentir em casa mesmo estando do outro lado do mundo. Os templos religiosos, por exemplo, não se limitam ao culto, eles organizam festas, almoços típicos, tudo isso para manter a chama acesa da cultura árabe, fortalecendo os laços e renovando a identidade.

Agora, se a gente olhar mais de perto a vivência da comunidade palestina no Brasil, a coisa ganha ainda mais peso. Pra eles, esses espaços não são só centros culturais ou religiosos, são trincheiras simbólicas. Ali, se reafirma a fé, sim, mas também a história de um povo marcado pela diáspora, pelo desenraizamento, pela resistência cotidiana. Como Truzzi apontou em outro trabalho, (2005, p.59) essas instituições servem como fio condutor da cultura árabe, mesmo em contextos onde tudo conspira pra que ela se dilua, pois são ali que as memórias ganham corpo, que a identidade se reorganiza, e que a sensação de pertencimento continua pulsando.

5.5 Chegada da comunidade palestina no Gama

Estima-se que os primeiros palestinos tenham chegado ao Gama por volta dos anos 1970. E aqui não foi diferente, como muitos árabes no Brasil, eles começaram

do zero, vendendo de porta em porta, enfrentando jornadas duras, até conseguir alguma estabilidade e construir um futuro mais digno para suas famílias. Um dos entrevistados relatou sobre a chegada de seu pai: “Ele veio de navio, a viagem durou 60 dias. Chegou ao Porto de Santos, em São Paulo, e de lá veio direto para Taguatinga porque tinha um primo morando aqui” (Entrevistado 2, 2024).

Com o passar dos anos, esses pioneiros foram abrindo espaço para que outros parentes se juntassem a eles. A solidariedade entre os recém-chegados e os que já estavam estabelecidos formou uma rede de apoio fundamental. Essa dinâmica familiar é uma das marcas mais fortes entre os palestinos, eles carregam seus valores no peito e mantêm os laços de sangue e de memória como se fossem um escudo contra o esquecimento. Família, união e respeito à ancestralidade são mais do que tradições, são formas de resistir.

Ainda hoje, o Gama segue recebendo imigrantes palestinos. Mas, diferentemente dos primeiros, muitos dos que chegam agora não estão atrás apenas de oportunidades, e sim fugindo de cenários de puro terror. São pessoas obrigadas a deixar tudo para trás por causa da guerra, do massacre promovido por Israel, da ocupação e da violência que atinge até os lares mais inocentes. Como destacou um dos entrevistados: “Foi aqui no Gama que encontramos paz e mais oportunidades para ter uma vida melhor” (Entrevistado 3, 2024). Muitos trazem histórias de perda e trauma; parentes mortos, casas destruídas, sonhos interrompidos por balas e bombas.

É impossível passar por isso tudo e sair ileso. Porém, mesmo longe da Palestina, essa comunidade mantém firme a identidade, as tradições e, acima de tudo, a esperança. Como exponha Edward Said (2003, p. 180), o exílio é estranhamente, uma condição que tanto enfraquece quanto fortalece a identidade, pois obriga o indivíduo a reconstruir-se continuamente diante da ausência de seu lar. Reforçando as palavras de Said, um dos entrevistados relatou: “Faço questão de manter a cultura em casa, de ensinar aos meus filhos as tradições palestinas, nossa comida e principalmente as datas que são importantes para nós. Não importa em que país nós palestinos moramos, lá será um pedaço da Palestina pra gente.” (Entrevistado 1, 2024)

No caso dos palestinos, essa reconstrução acontece na marra, sustentada pela memória, pela dor e pela luta por um direito básico: o de simplesmente existir.

5.6 Atividades econômicas desenvolvidas pelos membros da comunidade palestina

Quem anda pelas ruas do Gama, no Distrito Federal, talvez nem perceba à primeira vista, mas ali existe uma presença palestina forte, que vai muito além do sotaque ou dos sobrenomes diferentes. Essas pessoas, que vieram de longe e carregam no peito uma história de luta e resiliência, encontrou no comércio uma forma de recomeçar, como já aconteceu com muitos imigrantes árabes espalhados pelo Brasil.

Não é por acaso que historicamente, abrir um negócio sempre foi uma alternativa viável para quem chega num novo país tendo recursos limitados, mas com determinação para prosperar. No caso dos palestinos no Gama, a veia empreendedora pulsa forte. Hoje, eles são donos de lojas como: colchões, materiais elétricos, ferragens, roupas, artigos esportivos, lanchonetes, churrascarias, food trucks e restaurantes que dão um tempero diferente à cidade. Tem também quem trabalha como representante comercial, vendendo roupas para outros comerciantes sem nem precisar de loja física. E é comum ver palestinos que dividem a rotina entre o serviço público e pequenos negócios de família. Aliás, família é a base de tudo: muitos desses comércios são tocados por pais, filhos, irmãos e cônjuges, todo mundo junto no mesmo barco, se ajudando. É um modelo de gestão que funciona, principalmente nos momentos de crises e ainda fortalece os laços do grupo.

Como já apontou o pesquisador Truzzi (2001), o comércio é mais do que um ganha-pão para esses imigrantes: é uma forma de construir rede, comunidade, e até de resistir. Para quem já enfrentou tanto exílio e tanta incerteza, poder manter uma rotina, um negócio, a família unida, uma clientela fiel, isso é quase um ato de afirmação.

Os setores que eles escolhem para atuar também dizem muito. Alimentos, roupas, utilidades domésticas... tudo que gira rápido, que as pessoas sempre precisam. São áreas com pouca complicação tecnológica e uma margem boa para criar laços com os clientes, o famoso "comprar com o mesmo há 20 anos".

E o Gama, por ser uma cidade em crescimento, vira o cenário perfeito pra isso tudo acontecer. A presença palestina ali não só movimentava a economia como também contribuiu para diversidade da região. Os negócios deles não são só uma forma de

sobrevivência, são uma maneira de marcar território, de mostrar que estão aqui pra ficar, de manter viva uma cultura mesmo longe da terra natal. É bonito de ver, mesmo com todas as adversidades na bagagem, essa comunidade consegue se adaptar, se reinventar e ainda “dar um gás” no comércio local. No fim das contas, não é só sobre vender colchões ou fazer um bom churrasco. É sobre pertencer. E seguir em frente.

5.7 Vozes da diáspora: Relatos da comunidade palestina no Gama

5.7.1 Trajetórias migratórias

As trajetórias migratórias desses entrevistados, revelaram um histórico marcado principalmente por guerras, deslocamentos forçados, perda de seu patrimônio e a reconstrução de vida em um território estrangeiro. Nessa busca por maior segurança e estabilidade, somada ao apoio de seus familiares, por sua vez já instalados no Brasil, aparece como sendo um fator central nesse processo de decisão migratória.

Um desses entrevistados, filho de mãe e pai palestinos, mas nascido no Kuwait, me revelou que seus pais foram forçados a deixar suas terras na Palestina em razão do conflito ocorrido em 1948, e que posteriormente, após a guerra do Golfo em 1990, precisaram recomeçar a vida novamente. Ele relatou:

“Em 1990, veio outra guerra, e nós perdemos tudo de novo, a casa, os carros, dinheiro, estudos. [...] Naquela época, eu estudava para ser médico, mas com essa nova mudança o meu pai não pode mais pagar a minha faculdade.” (Entrevistado 1)

Outro depoente descreve a chegada do pai ao Brasil em 1968, como refugiado de guerra, após uma longa travessia marítima:

“Ele veio de navio, a viagem durou 60 dias. Chegou ao Porto de Santos, em São Paulo, e de lá veio direto para Taguatinga porque tinha um primo morando aqui.” (Entrevistado 2)

Além dessa condição de refúgio, a presença de laços familiares no Brasil foi definitivamente decisiva para definir o destino final dessas famílias. Um dos entrevistados relatou que o tio foi o primeiro de sua família a chegar, estabelecendo-se no Gama e preparando toda estrutura necessária para receber os demais:

“Chegamos na década de 80. Meu tio veio dois anos antes, para tentar um trabalho e preparar um lugar para a família. [...] Depois viemos para cá, mas foi aqui

no Gama que encontramos paz e mais oportunidades para ter uma vida melhor.” (Entrevistado 3)

A migração, portanto, não foi apenas motivada por fatores econômicos ou religiosos, mas por um conjunto de necessidades, dentre elas, a fuga dos conflitos armados e uma enorme esperança de reconstruir suas vidas com dignidade. O papel da família neste momento, estendida como uma rede de apoio e facilitadora do processo de migração também se destacou como elemento comum nas narrativas.

5.7.2 Adaptação cultural e linguística

Nesse processo de adaptação cultural e linguística das famílias de imigrantes palestinos ao contexto brasileiro, especialmente no Distrito Federal, revela desafios muito significativos enfrentados em seus primeiros anos de residência. As diferenças culturais, religiosas e de costumes, assim como a barreira da língua, surgem como obstáculos que exigiram esforço e resiliência por parte dos entrevistados e de seus familiares.

O choque cultural foi especialmente sentido por aqueles que migraram já como adultos, como relatou um dos entrevistados ao falar sobre os nossos costumes brasileiros:

“O choque cultural foi grande pra caramba. Aqui no Brasil, há muita liberdade né, especialmente para as mulheres. [...] No início, eu ficava vermelho de vergonha muitas vezes, mas eu fui aprendendo a respeitar e a conviver com isso.” (Entrevistado 1)

Outro ponto recorrente nas falas dos entrevistados foi a dificuldade inicial com o nosso idioma. Muitos dos entrevistados chegaram ao país sem qualquer domínio do idioma português, onde um deles relembra:

“Não sabíamos nada, nada mesmo. Me lembro de minha mãe tentando aprender algumas palavras básicas para poder ir ao mercado. [...], nós erramos muito no começo, é claro.” (Entrevistado 3)

Além disso, o medo de ser mal compreendido ou até mesmo ridicularizado gerou insegurança, especialmente nas interações cotidianas. Como exemplificado:

“Acho que foi o medo de não ser entendido e de certa forma ser motivo de piada. [...] Minha mãe por vezes chorava porque não conseguia explicar o que queria comprar.” (Entrevistado 3)

Apesar de todos os obstáculos enfrentados, todos os entrevistados destacaram o acolhimento por parte da população local como um fator que realmente foi decisivo neste processo de adaptação. O contato com seus vizinhos, os comerciantes e seus colegas de escola, facilitaram bastante o aprendizado do idioma e o entendimento digamos, que das “normas sociais” brasileiras.

Ao longo de todo esse tempo, essa marcante adaptação não significou na perda de sua identidade cultural, tendo sido mais como um novo processo de negociação entre tradições palestinas e práticas comuns brasileiras. Esse equilíbrio entre sempre estar tentando manter as raízes e ao mesmo tempo tendo que aprender a conviver com a nova cultura aparece como uma constante na fala dos participantes, revelando que essa integração ocorreu sem que houvesse necessariamente assimilação completa ou abandono das origens.

5.7.3 Religião e identidade

A religião aparece sempre como o elemento central na construção da identidade dos entrevistados, funcionando tanto como vínculo com suas raízes culturais quanto como uma orientadora de valores e comportamentos no país de acolhimento. A prática cotidiana do Islã, mesmo com uma imensa distância geográfica da Palestina, e estando numa convivência diária em uma sociedade majoritariamente cristã, consegue permanecer viva entre os membros dessa comunidade, ainda que de formas distintas entre algumas pessoas dessas gerações.

Um dos entrevistados, que é muçulmano praticante, enfatizou a importância de manter a fé e de transmitir esses valores aos seus filhos, mesmo reconhecendo que cada indivíduo deve construir sua própria relação diretamente com Deus:

“Sou muçulmano praticante, a vida inteira eu fui. Vou à mesquita toda sexta-feira, mas meus filhos nem sempre vão. [...] Eu ensino que a fé deve partir de cada um, e que ela não pode ser imposta.” (Entrevistado 1)

A abertura ao diálogo inter-religioso também foi bem evidente, o que reflete uma compreensão mais inclusiva da espiritualidade islâmica. Esse mesmo entrevistado relatou a experiência do casamento de seu filho com uma mulher de outra religião, deixando bem explícito que a fé em Deus é mais importante do que a conversão meramente formal:

“Não precisa se converter ao Islã para se casar com meu filho, pode continuar em sua religião, mas crendo sempre em Deus.” (Entrevistado 1)

Já outro entrevistado, filho de imigrante palestino, relatou que apesar de ter crescido em um lar muçulmano, seguiu por outro caminho religioso, adotando o cristianismo evangélico como sua fé. Mesmo assim, demonstrou profundo respeito e conhecimento pela fé de seu pai e pelo legado transmitido por ele:

“Meu pai mantinha a fé muçulmana. [...], mas eu mesmo segui o caminho evangélico, e já frequentei várias igrejas até me firmar na igreja que estou hoje.” (Entrevistado 2)

A religiosidade, portanto, não se limita à prática ritualística, mas aparece associada à preservação da cultura e à educação familiar. As celebrações religiosas, por exemplo o Ramadã, estas são realizadas com envolvimento de toda família, fortalecendo seus laços comunitários e reafirmando a sua identidade palestina, mesmo estando fora de seu território original.

“O Ramadã é sagrado para todos nós. Nos reunimos, jejuamos, oramos juntos, tudo como deve ser. [...] mesmo longe da nossa terra, sentimos que Allah sempre está conosco.” (Entrevistado 3)

Além disso, notei que os entrevistados demonstraram preocupação em mostrar que o Islã prega a convivência pacífica e o respeito entre religiões. Uma fala destacada exemplifica essa perspectiva interreligiosa:

“No Alcorão está escrito assim: ‘Ele te revelou (ó Muhammad) o Livro com a verdade corroborante dos anteriores, assim como havia revelado a Torá e o Evangelho.’ [...] Nós respeitamos de todo coração, tanto o cristianismo quanto o judaísmo.” (Entrevistado 3)

Esses relatos evidenciam que a fé, muito além do aspecto espiritual, funciona como uma forma de resistência cultural e afirmação de uma identidade que se recusa a desaparecer diante das diásporas. Ao mesmo tempo, se mostra adaptável, capaz de coexistir com outros sistemas de crença em um contexto multicultural como o brasileiro.

5.7.4 Percepções sobre o conflito Israel-Palestina

As entrevistas revelaram percepções profundamente marcadas pelo sofrimento, pela dor da perda e pela sensação de injustiça diante do prolongado

conflito entre Israel e Palestina. As falas mostram que, mesmo vivendo longe da zona de guerra, os entrevistados se sentem afetados diretamente por toda violência em sua terra de origem, seja por meio de laços familiares, do pertencimento identitário ou da frustração diante da indiferença da comunidade internacional.

Para os entrevistados, o conflito não é apenas uma questão política ou territorial, mas um drama humano e um ato desumano. Um deles expressa essa dor de forma visceral:

“Cada bomba que cai lá, destrói um pedaço do nosso coração aqui. [...] Saber de tudo aquilo que está acontecendo e praticamente ninguém faz nada para ajudar.” (Entrevistado 3)

Além da indignação com a violência, há um sentimento de revolta quanto à narrativa predominante na mídia, que frequentemente criminaliza os palestinos e ignora os abusos e excessos cometidos pelas forças israelenses. Segundo um entrevistado:

“Depois, ainda dizem: ‘Por que existe terrorismo?’ Mas quem criou esse ódio? Cada dia que uma família morre em Gaza, nasce mais alguém com raiva, nasce outro possível terrorista.” (Entrevistado 1)

A crítica à forma como o conflito é interpretado de forma simplista ou religiosa também aparece com força. Um dos entrevistados ressalta:

“Se for seguir só religião, ninguém nunca vai se entender. O importante é ser humano antes de tudo.” (Entrevistado 1)

A distinção entre judeus, israelenses e sionistas também é um ponto recorrente, evidenciando a tentativa dos entrevistados de separar o povo judeu das ações militares do Estado de Israel:

“O judeu mesmo, aquele que lê e pratica sua religião jamais concordou com isso tudo. [...] Toda essa desgraça acontece por causa do sionismo.” (Entrevistado 1)

Para além da dor, as falas carregam uma certa impotência: a sensação de não poder proteger quem está lá. Um entrevistado relatou o desespero ao ouvir, durante uma ligação, o som de uma explosão próxima à casa de um familiar na Palestina:

“Sempre que ouço algum barulho como se fosse uma explosão do outro lado da linha, meu coração quase para de bater.” (Entrevistado 3)

Por fim, mesmo diante de todo esse sofrimento, há também apelos à empatia e à humanização do povo palestino, que muitas vezes é reduzido a estereótipos. Um dos entrevistados declarou:

“Gostaria que as pessoas do Gama, e todos no Brasil, soubessem que a Palestina não é apenas um 'conflito' nos jornais. Nós somos famílias como as daqui.” (Entrevistado 1)

As percepções dos entrevistados mostram que esse conflito ultrapassa as fronteiras físicas, afetando também a saúde emocional e a visão de mundo dos palestinos na diáspora. Ao mesmo tempo, suas falas contribuem para desafiar os discursos hegemônicos e propor uma nova lente: a da humanidade compartilhada.

5.7.5 Convivência com a sociedade local e preconceito

Essa relação entre a comunidade palestina e os moradores do Gama, foi em geral, descrita de forma bem positiva pelos entrevistados, suas falas destacam a hospitalidade do povo brasileiro e a construção de vínculos baseados no respeito e na convivência cotidiana, principalmente através do comércio e de sua vizinhança. Contudo, também emergem algumas situações de preconceito e estigmatização, por muitas vezes alimentadas pela desinformação e pela narrativa midiática dominante sobre o Oriente Médio.

Em diversos momentos, os entrevistados ressaltaram o acolhimento que receberam ao chegarem ao Brasil. Um dos relatos evidencia esse sentimento:

“Sempre nos sentimos bem acolhidos aqui, mesmo com algumas diferenças, o que é normal.” (Entrevistado 3)

Outro entrevistado reforçou esse aspecto ao mencionar sua própria experiência:

“Eu posso dizer por mim mesmo que é muito respeitosa, gosto muito dos brasileiros, sempre estão felizes e sempre nos ajudaram muito aqui, desde que chegamos.” (Entrevistado 1)

Entretanto, o preconceito, embora nem sempre direto ou violento, foi identificado como presente, ainda que de forma sutil. Muitas vezes, está relacionado à falta de conhecimento sobre o povo palestino e à associação automática com o terrorismo ou a violência.

“Nunca sofri nada diretamente, mas sinto que, com a guerra, as pessoas acabam misturando as coisas.” (Entrevistado 2)

Essa confusão é agravada pela forma como o conflito é retratado na mídia. Um dos entrevistados relatou a reação de pessoas que passaram a mudar de opinião após conhecer sua história pessoal:

“Eles veem essas notícias mentirosas na televisão e não se perguntam se é verdade. Alguns vieram aqui e falaram essas bobagens, eu sentei com eles e mostrei a verdade. Essas pessoas nunca mais vão pensar daquele jeito.” (Entrevistado 1)

O preconceito velado, que se expressa por olhares, piadas ou desconfiança, também foi mencionado. Ainda assim, os entrevistados demonstraram resiliência e a busca constante pelo diálogo e esclarecimento:

“Já ouvi comentários bobos, preconceituosos e até dolorosos. [...], mas eu aprendi a responder com paciência e educação.” (Entrevistado 3)

Fica evidente, portanto, que a convivência com a sociedade local se constrói em camadas: há acolhimento genuíno e amizades sólidas, mas também desafios relacionados à ignorância cultural e estereótipos. A resposta da comunidade palestina, no entanto, tem sido pautada pelo respeito, pela valorização da convivência pacífica e pela tentativa constante de mostrar o outro lado da história, aquele que raramente aparece nos noticiários.

5.7.6 Esperanças para o futuro e legado cultural

Ainda diante de tantos traumas, perdas e deslocamentos forçados, os entrevistados demonstraram um forte compromisso com a preservação de suas raízes e a construção de um legado que continue a ultrapassar gerações. Essa esperança, nesse contexto, não é uma abstração, ela se manifesta concretamente no cuidado com sua família, na manutenção de suas tradições e no desejo de transmitir aos seus filhos e netos uma identidade que resista ao tempo e à distância de sua terra natal.

Sua preocupação em manter viva a cultura palestina dentro de suas casas foi expressa de forma clara e direta por um dos entrevistados:

“Faço questão de manter a cultura em casa, de ensinar aos meus filhos as tradições palestinas, nossa comida e principalmente as datas que são importantes para nós. Não importa em que país nós palestinos moramos, lá será um pedaço da Palestina pra gente.” (Entrevistado 1)

A língua árabe, os rituais religiosos e os costumes familiares aparecem como formas concretas de resistência cultural. Mesmo os que nasceram no Brasil ou se distanciaram da prática religiosa mantêm vivo o sentimento de pertencimento. Um dos entrevistados reforça a importância de valores herdados de seu pai:

“Sem dúvidas o respeito à família, a solidariedade e a força para superar dificuldades, isso ninguém conseguiria tirar da gente.” (Entrevistado 2)

Os entrevistados também demonstraram desejo de que as novas gerações mantenham vínculos com a Palestina, não apenas como símbolo de origem, mas como causa coletiva. Em um relato emocionado, um dos pais contou com orgulho o engajamento da filha:

“Tenho muito orgulho dela, por tudo o que ela faz.” (Entrevistado 2)

Mais do que manter tradições, há o desejo de formar seres humanos conscientes, éticos e abertos à diversidade. Como sintetizou um dos entrevistados:

“Ensinei para eles que somos palestinos, que a nossa história é de resistência e de esperança. [...], mas também quero que eles sejam livres para fazer escolhas, para respeitar as diferenças. O mais importante é serem bons seres humanos.” (Entrevistado 1)

Por fim, as falas carregam um desejo coletivo de paz, tanto no Brasil quanto na Palestina, e de que a memória da luta não se apague. Em uma das declarações mais simbólicas, um entrevistado expressa o que significa viver entre dois mundos:

“Ser palestino aqui no Gama é como carregar dois corações: um que bate pelo cheiro do zaatar e pelo som do oud da minha terra, e outro que aprendeu a amar o cheiro da chuva no cerrado e as pessoas boas como você, que encontrei aqui.” (Entrevistado 1)

Assim, o legado que vem se construindo vai além da simples memória: ele é ação, resistência, educação e fé. É a essência da Palestina que sobrevive em cada prato típico, em cada palavra aqui ensinada, em cada gesto de carinho, e acima de tudo, na esperança de que o futuro traga a verdadeira justiça, dignidade e liberdade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, se propôs analisar a identidade da comunidade palestina que reside no Gama, Distrito Federal, observando os efeitos dessa reterritorialização e da preservação cultural. A questão que instigou desde o início foi: como os palestinos, ao se estabelecerem neste novo território, mantêm vivas as suas tradições, sua fé, os seus vínculos familiares e seu sentimento de pertencimento? Ao longo da pesquisa, foi perceptível que a identidade não é apenas algo herdado, mas é algo constantemente reconstruído diante dos desafios desse exílio.

Foi Constatado, com base em algumas bibliografias especializadas e principalmente nos relatos, que a migração palestina para o Brasil, não tendo sido diferente a do Gama, foi e ainda é marcada por motivações múltiplas, como guerras, perseguições e a busca por melhores condições de vida. Ao chegarem aqui, os palestinos tendem a se organizar em redes de solidariedade, especialmente em torno do comércio e da família. É incrível como eles mantêm uma territorialidade própria, sendo expressada por práticas religiosas, uso de sua língua árabe, e a preservação de seus costumes.

Conclui-se, portanto, que a comunidade palestina no Gama ressignifica o espaço urbano em que vive e que através de uma territorialidade simbólica, recria laços de pertencimento e fortalece a sua identidade coletiva, mesmo diante da dor de suas diásporas. Esse fenômeno da reterritorialização, portanto, vem a se revelar não apenas como sobrevivência física, mas como resistência simbólica. A cultura palestina não apenas sobrevive em solo brasileiro, ela transforma esse território, contribuindo para a diversidade local e ainda reafirma, a cada geração, sua memória de resistência e existência inabalável. Como destacou um dos entrevistados: "*Nosso povo só quer paz, respeito e oportunidade para viver em liberdade. [...] Quem sabe um dia possamos celebrar a paz, tanto aqui quanto na Palestina*" (Entrevistado 3, 2024).

Essa fala sintetiza de forma clara o duplo movimento de enraizamento no Brasil e a manutenção da esperança de justiça para a Palestina, revelando como a diáspora se constrói na tensão entre o local e o transnacional.

REFERÊNCIAS

ABAD, Vera. **Imigração árabe no Brasil – uma questão de identidade**: reflexos em Petrópolis. Palestra proferida no Instituto Histórico de Petrópolis, Petrópolis – RJ, 08 out. 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/86759799/IMIGRA%C3%87%C3%83O_%C3%81RABE_NO_BRASIL_UMA_QUEST%C3%83O_DE_IDENTIDADE_REFLEXOS_EM_PETR%C3%93POLIS_VERA_ABAD_RJ_Brasil. Acesso em: 27 maio 2024.

ALMEIDA, Ludmila Savri. “**Sírios e libaneses**: redes familiares e negócios”. In: Célia Maria Borges (org.). *Solidariedades e conflitos. Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Mascates e Pedestres**: O Comércio Ambulante Árabe no Brasil (1890-1950). Curitiba: Editora Appris, 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BETTS, Alexander. **Migração de Sobrevivência**: Um Novo Modelo para Compreender a Mobilidade Humana. Tradução nossa. New York, Cornell University Press, 2011. Título original: *Survival Migration: A New Model for Understanding Human Mobility*. Disponível em:
<<https://library.oapen.org/viewer/web/viewer.html?file=/bitstream/handle/20.500.12657/30779/642723.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 jun. 2024b.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gênesis 19:20.

Booking.com. (s.d.). **Hotel Das Américas – Brasília** [Imagem online]. Booking.com. Obtido em 6 de julho de 2024, de https://www.booking.com/hotel/br/das-americas-brasil.html?force_referer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.708, de 28 de dezembro de 1934**. Estabelece restrições à entrada de imigrantes no território nacional. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 29 dez. 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D1708.htm

BRASIL. Governo do Distrito Federal. **História de Brasília**: a cidade-sonho. [S. l.]: Governo do Distrito Federal, 21 out. 2015. Atualizado em 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.df.gov.br/historia>. Acessado em: 10 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Relatórios ministeriais: 1ª República, 1889-1929**. Rio de Janeiro: MEC/SEC, Fundação Nacional Pró-Memória, Biblioteca Nacional, Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, [s.d.]. Disponível em: <<https://catalog.crl.edu/Record/e5b5c6c3-5172-578e-9dae-2d91bb11cdb7>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CHEMERRY, C. **História do povo de Israel: da formação ao retorno à Palestina**. São Paulo: Paulus, 2012.

CURY, Maria Zilda. **Imigração árabe no Brasil: histórias e perspectivas**. São Paulo: Editora da USP, 2009.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2 ed. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo. Unesp. Título Original: *The Idea of Culture*. 2003.

EVASON, Nina. **Cultura palestina: Religião**. Tradução automática. *Palestinian Culture: Religion*. Cultural Atlas, 2020. Disponível em: <https://culturalatlas.sbs.com.au/palestinian-culture/palestinian-culture-religion> Acesso em: 18 maio 2024.

FIDDAN-QASMIYEH, Elena. **No limiar da apatridia: Narrativas palestinas de perda e apagamento**. Estudos Étnicos e Raciais. Tradução automática google. Abingdon, v. 39, n. 2, p. 301–321, 2016. DOI: Título original: **On the threshold of statelessness: Palestinian narratives of loss and erasure**. *Ethnic and Racial Studies* <https://doi.org/10.1080/01419870.2016.1105991>. Acesso em: 18 jun. 2024.

G1. **Quantos refugiados palestinos há no mundo e onde estão?** *G1 Mundo*, 13 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/01/13/quantos-refugiados-palestinos-ha-no-mundo-e-onde-estao.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2024.

GAMALIVRE. **As Regiões Administrativas do DF. 2020**. Disponível em: <https://www.gamalivre.com.br/2020/09/as-regioes-administrativas-do-df.html>. Acesso em: 06 jun. 2025.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O território e sua des-territorialização: ensaios sobre a multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

HAMID, Sônia Cristina **Os Processos do Reassentamento de Palestinos no Brasil**. Disponível em: <http://www.dan2.unb.br/images/doc/Tese_109.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2024.

HISTÓRIAS DE BRASÍLIA. **Pioneiros árabes de Brasília**. Disponível em: <[https://historiasdebrasil.com/2019/12/17/pioneiros-arabes-de-brasil/](https://historiasdebrasil.com/2019/12/17/pioneiros-arabes-de-brasil)>. Acesso em: 13 mar. 2024.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. Tradução nossa. London: Faber and Faber, 1994. (Citado por Jardim, 2000). Título original: *A History of the Arab Peoples*.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos**: as redefinições de fronteiras e cidadania. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, jul. 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/129344>. Acesso em: 15 jun. 2024.

JARDIM, Denise. **Territórios da diáspora**: palestinos no Brasil e o processo de formação de comunidades transnacionais. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

KHALIDI, Rashid. **A Guerra dos Cem Anos na Palestina**: Uma História do Colonialismo e da Resistência dos Povos, 1917-2017. Tradução nossa. New York: Metropolitan Books, 2020. Título original: *The Hundred Years' War on Palestine: A History of Settler Colonialism and Resistance, 1917–2017*

KLEIN, Herbert S. **O comércio atlântico de escravos**. 2nd ed. Tradução nossa. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Título original: **The Atlantic Slave Trade**. Disponível em: <<https://dokumen.pub/o-comercio-atlantico-de-escravos-quatro-seculos-de-comercio-esclavagista-9725702832-9789725702833.html>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 67.

MASSEY, Douglas S. et al. **Mundos em movimento**: entendendo a migração internacional no final do milênio. Tradução nossa. Oxford: Oxford University Press, 1998. Título original: *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*.

MASSEY, Douglas S. et al. **Mundos em movimento**: entendendo a migração internacional no final do milênio. Tradução nossa. Oxford: Oxford University Press, 1998. Título original: *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227467469_Worlds_in_Motion_Understanding_International_Migration_at_the_End_of_the_Millennium>. Acesso em: 2 jun. 2024c.

Mesquita Masjed Alwalidein. Perfil pessoal [Facebook]. Disponível em: https://www.facebook.com/profile.php?id=100069835926166&sk=photos_by. Acesso em: 5 jul. 2024.

Middle Eastern Values Study. (n.d.). *National Identity: Findings from Comparative Study in the Middle East*. University of Maryland. Disponível em:

<https://mevs.umd.edu/feature/national-identity-findings-comparative-study-middle-east>. Acesso em: 11 jun.2024

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Migrante, imigrante, emigrante, refugiado, estrangeiro: qual palavra devo usar?** 2020. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 30 maio 2025.

NABULSI, Karma. **Los refugiados**. *La Vanguardia*, Barcelona, Dossiê: Los Palestinos, n. 8, p. 49-54, oct./dic. 2003.

NUNES, Jordão Horta. **Imigração e Transformações Sociais no Brasil: O Caso dos Árabes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PAPPE, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016.

RAMID, Alexandre. **A partilha da Palestina**. Revista Nova História, São Paulo, 2010.

RATZEL, Friedrich. **Geografia Política**. Trad. Antonio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Ática, 1990.

SAFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil 1880-1971**. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**. In: SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 173–186.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 83.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 1. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996. P. 13

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A dupla ausência: das ilusões do emigrado às desilusões do imigrante**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 91.

SOARES, Jurandir. **Oriente Médio: De Maomé à Guerra do Golfo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Série Síntese Universitária, nº 24. 1998.

SOARES, Jurandir. **Oriente Médio: de Maomé à Guerra do Golfo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. p. 49.

SOARES, Jurandir. **Oriente Médio: de Maomé à Guerra do Golfo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. p. 51.

SOUSA, Thais. **Comunidade árabe é 6% da população brasileira**, diz pesquisa. Disponível em: <<https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6-da-populacao-brasileira-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SOUZA, João Carlos. **Imigração árabe no Brasil: Do Império à República**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRUZZI, Mário Serra. **Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1993.62543>. Acesso em: 05 junho 2024.

TRUZZI, Oswaldo. **Os árabes no Brasil: história, identidade e integração**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

TRIPADVISOR. **Centro Islâmico do Brasil**. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303322-d2349397-Reviews-Centro_Islamico_do_Brasil-Brasilia_Federal_District.html. Acesso em: 5 jul. 2024.

APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA

As entrevistas foram transcritas de forma literal, respeitando a linguagem oral dos entrevistados, tendo feito mínimas correções gramaticais com intuito de apenas facilitar a compreensão na leitura. A estrutura foi organizada no formato de perguntas e respostas, identificando claramente o entrevistador e o entrevistado, e para evitar certa confusão visual e tornar a leitura mais fluida, utilizei divisões visuais entre os blocos de interação. Os três entrevistados são do sexo masculino, com idades acima dos 45 anos, são casados e todos tem filhos.

Entrevista 1

As perguntas dessa entrevista foram organizadas em três eixos temáticos. Nesta primeira parte (as 6 primeiras perguntas) seria sua Identidade pessoal e sua trajetória de vida.

Entrevistador: Muito obrigado por aceitar conversar comigo, e eu gostaria de começar pedindo que o senhor fale um pouco sobre você, seu nome, onde nasceu, onde morou.

Entrevistado 1: Meu nome é ... Eu nasci no Kuwait, em 19... minha mãe estava grávida de mim quando tiveram que fugir da Palestina, então meus pais são palestinos de nascimento mesmo. Eles saíram da Palestina durante a guerra em 19..., onde meus pais perderam tudo e foram para a Jordânia e logo depois para o Kuwait. Em 1990, veio outra guerra, e nós perdemos tudo de novo, casa, carros, dinheiro, estudos. Fomos para a Jordânia mais uma vez, e lá, nós começamos do zero, onde meu pai vendeu seu carro, e teve que vender bem barato, e assim nós abrimos um restaurante para poder sobreviver. Naquela época, eu estudava para ser médico, mas com essa nova mudança meu pai não pode mais pagar a faculdade, tínhamos perdido tudo mesmo. Só alguns anos depois eu consegui estudar e me formar em geologia e meu irmão se formou alguma coisa em informática, me parece que foi em rede de computadores.

Entrevistador: E sobre a sua vinda ao Brasil, poderia me contar como foi esse processo?

Entrevistado 1: Eu vim para o Brasil porque me casei né. Eu conheci minha esposa lá na Jordânia, ela estava a passeio visitando sua família. Ela é filha de palestino, mas nasceu aqui mesmo no Brasil. Nos casamos por lá, e por insistência dela, viemos tentar a vida aqui no Brasil, no Gama. No começo, não sabia falar nada em português, não entendia nada. Mas chegando aqui com dois meses eu abri essa loja, sempre trabalhei no comércio, vendendo e fazendo amizades. O bom é que o brasileiro é bem acolhedor, mas o começo foi um pouco difícil.

Entrevistador: E como foi a sua adaptação cultural ao chegar no Gama?

Entrevistado 1: O choque cultural foi grande. Aqui no Brasil, há muita liberdade, especialmente para as mulheres. Lá na Palestina e no Kuwait, os costumes são bem diferentes, tanto pros homens quanto para as mulheres. Principalmente as mulheres. O contato físico entre homens e mulheres é raro, você não vê um homem quando encontra uma mulher, eles se darem um abraço e beijo no rosto. E as roupas também são bem diferentes. Mas aqui, eu percebi que as pessoas são mais abertas, mais diretas. No início, fiquei vermelho de vergonha muitas vezes, mas fui aprendendo a respeitar e a conviver com isso. Tem muito árabe que perde a cabeça quando chega aqui no Brasil, principalmente com as bebidas. Mas eu sempre fui muito controlado.

Entrevistador: E sobre a comida brasileira, como foi sua experiência no início?

Entrevistado 1: A comida também é bem diferente. Aqui tem arroz e feijão com bife, lá temos pratos típicos como humus, falafel, arroz com coalhada, pão árabe, pratos com especiarias. Mas a comida brasileira é muito saborosa.

Entrevistador: E quanto a questão da cultura palestina, como vocês fazem para manter isso em casa?

Entrevistado 1: Faço questão de manter a cultura em casa, de ensinar aos meus filhos as tradições palestinas, nossa comida e principalmente as datas que são importantes para nós. Não importa em que país nós palestinos moramos, lá será um pedaço da palestina para gente.

Entrevistador: O senhor ou sua família ainda falam árabe em casa?

Entrevistado 1: Eu e minha esposa falamos bastante, e quando vem alguns amigos árabes também conversamos muito em árabe. Sempre que podemos nós conversamos, assim agente mantém vivo a nossa língua.

Nesta segunda fase, procuro direcionar as perguntas para questões religiosas e culturais.

Entrevistador: O que o senhor poder me falar quanto à sua religião?

Entrevistado 1: Sou muçulmano praticante. Vou à mesquita toda sexta, mas meus filhos nem sempre vão, mas eu ensino que a fé deve partir de cada um, não pode ser imposta. Minha mulher de vez em quando vai também.

Entrevistador: O senhor me falou que apenas um de seus filhos está casado. Ele se casou com uma palestina?

Entrevistado 1: Meu filho se casou com uma menina que era católica, mas depois disse que não tinha religião, então eu disse que não havia problema ela ser católica, mas não permitiria o casamento se ela não acreditasse em Deus. Tem que acreditar em Deus, se não, não tem casamento. Não precisa se converter ao Islã, pode continuar em sua religião, mas crendo em Deus.

Entrevistador: Pela religião do senhor, não há problemas em um muçulmano que professa o islã, se casar com uma mulher de outra religião?

Entrevistado 1: Vejo muitos casamentos mistos hoje em dia, muçulmanos com cristãos, judeus, mas para mim o mais importante é ter fé em Deus, independentemente da religião. Já vi muito preconceito, principalmente quando as pessoas não entendem a diferença entre árabe, turco, persa, muçulmano. Mas, acima de tudo, somos humanos. No alcorão está escrito que, Allah permitiu que um homem muçulmano se casasse com uma mulher judia ou uma cristã.

Entrevistador: O senhor já voltou à Palestina ou à Jordânia depois que veio para o Brasil?

Entrevistado 1: Voltei sim, para visitar a família. Levei até um amigo brasileiro comigo, para ele ver como é a vida lá. Fomos à Jordânia, depois a Jerusalém. Ele

tinha medo, mas viu que, apesar de tudo, as pessoas são calorosas, humanas, querem apenas viver em paz.

Finalizando, esta terceira fase de perguntas, depois de termos quebrado aquela tensão de estar sendo entrevistado e tudo mais, me senti mais à vontade em direcionar as perguntas para alguns assuntos mais delicados, como sua convivência com os moradores do Gama, reflexões sociais e sua visão do que está acontecendo atualmente na Palestina.

Entrevistador: Qual é o seu sentimento em relação ao conflito atual entre Israel e Palestina?

Entrevistado 1: Sabe, eu não gosto do que Israel faz, de ver tanta morte. Eles já sofreram tanto no passado, e agora fazem com o povo palestino a mesma tragédia que viveram a pouco tempo atrás. Isso me revolta, porque parece que não aprenderam nada com a dor. Eles tinham que ser mais humanos, mais do que qualquer um. Depois, ainda dizem: “Por que existe terrorismo?” Mas quem criou esse ódio? Cada dia que uma família morre em Gaza, nasce mais alguém com raiva, nasce outro possível terrorista. O ciclo não acaba nunca.

Entrevistador: Após tantos anos presenciando de perto o sofrimento do povo palestino, como o senhor se sente hoje em relação aos judeus ou simplesmente os israelenses?

Entrevistado 1: Primeiro de tudo, nós temos que aprender a separar o que é o judeu de um israelense. Isso porque nem todo judeu concorda com o que estamos vendo na televisão. Na verdade, o judeu mesmo, aquele que lê e pratica sua religião jamais concordou com isso tudo. Agora, o que a gente vê na televisão, aqueles que gostam de matar as pessoas, matar os palestinos, esses que tem prazer em matar mulheres, idosos e até recém nascidos, esses não são judeus, esses são os israelenses, eles que chamamos de sionistas. Toda essa desgraça acontece por causa do sionismo cara. Antes todo mundo vivia bem, viviam juntos. Me lembro de minha mãe contar que haviam vizinhos que eram cristãos e judeus, e todos viviam bem, todos viviam um ao lado do outro, e não havia problema algum entre eles. Daí veio esse tal de sionismo e acabou com tudo.

Entrevistador: Como o senhor reage quando aparece alguém que tenta explicar a situação entre a Palestina e Israel, como sendo algo puramente bíblico?

Entrevistado 1: Sobre a questão religiosa e de território, vejo muita gente dizer: “A terra é nossa, querendo dizer que tudo era dos judeus né, que era dos nossos antepassados.” Mas quem pode provar isso? Se você for realmente o primeiro morador, posso até concordar; mas a história é cheia de idas e vindas, de diferentes povos ocupando aquele mesmo lugar. Se for seguir só religião, ninguém nunca vai se entender. O importante é ser humano antes de tudo. As pessoas tem que aprender a raciocinar. Mesmo sendo religioso, e de qualquer religião mesmo, as pessoas não podem fazer tudo pela emoção, elas precisam se guiar pela razão.

Entrevistador: Como você vê o futuro para seus filhos aqui?

Entrevistado 1: Só espero que nunca percam a raiz palestina, mesmo sendo brasileiros, nascidos e criados aqui. Ensinei para eles que somos palestinos, que a nossa história é de resistência e de esperança. A cultura, a comida, a bandeira, tudo isso permanece. Mas também quero que eles sejam livres para fazer escolhas, para respeitar as diferenças. O mais importante é serem bons humanos.

Entrevistador: Como você vê a violência aqui no Brasil?

Entrevistado 1: Por lá tem violência sim, mas aqui no Brasil, vejo muita violência também, mas a brutalidade aqui é maior do que a que acontece lá, é bem diferente. Vi vídeos de crueldade terrível aqui no Brasil, as coisas que os traficantes fazem, sabe, coisas que ninguém deveria ver, e muito menos fazer. E nenhum povo merece isso. Veja, os judeus sofreram muito, mas não podem repetir o sofrimento em outro povo, certo? Mas estão fazendo isso agora cara.

Entrevistador: Com tudo o que o senhor já viu na vida, em termos de violência, como o senhor consegue processar tudo isso, como isso fica em sua cabeça?

Entrevistado 1: Hoje, primeiro de tudo é se voltar sempre para Deus, depois eu tento focar em coisas que me acalmam, como cuidar dos meus animais. Antes eu achava estranho essa coisa de ter animal dentro de casa, mas hoje, criar um gato em casa se tornou minha terapia. Aprendi aqui no Brasil que o amor pode ser uma cura.

Depois que eu fecho a loja e vou pra casa, já cansado, tomo um banho, vou para o sofá, logo vem os gatos, cheios de carinho, de amor mesmo. Isso de deixa muito feliz.

Entrevistador: No geral, como é a relação dos moradores aqui da cidade com a comunidade palestina no Gama?

Entrevistado 1: Eu posso dizer por mim mesmo que é muito respeitosa, gosto muito dos brasileiros, sempre estão felizes e sempre nos ajudaram muito aqui, desde que chegamos.

Entrevistador: Você sente que existe preconceito ou algumas dificuldades específicas por serem palestino vivendo aqui?

Entrevistado 1: Eu não acho que seja preconceito. Na verdade, é que as pessoas não sabem exatamente o que estão falando. Eles veem essas notícias mentirosas na televisão e não se perguntam se é verdade. Alguns que vieram aqui e falaram essas bobagens, eu sentei aqui com elas e não só mostrei a verdade, como provei pra elas a verdade. Essas pessoas nunca mais vão pensar daquele jeito, aprenderam como buscar a história verdadeira.

Entrevistador: Que mensagem você gostaria de passar sobre a realidade do povo palestino para as pessoas que vivem aqui no Gama e no Brasil?

Entrevistado 1: Gostaria que as pessoas do Gama, e todos no Brasil, soubessem que a Palestina não é apenas um 'conflito' nos jornais. Nós somos famílias como as daqui. Pais que trabalham duro, crianças que sonham em ter um futuro, como serem professores. A nossa cultura é feita de música, poesia e um amor profundo pela terra que herdamos, não essas mentiradas que passam na tv. Eu sempre digo a vocês, questionem o que veem na TV, caramba, busquem fontes além da porcaria da tv, que é óbvio que estão mentindo, e passem a nos enxergar como humanos, e não apenas números.

Entrevistador: Gostaria de deixar alguma mensagem ou consideração final sobre a experiência de ser palestino nesta cidade?

Entrevistado 1: Para mim, ser palestino aqui no Gama, eu posso dizer que é como carregar dois corações, sabe, aquele que bate pelo cheiro do zaatar e pelo som

do oud da minha terra, e outro que aprendeu a amar o cheiro da chuva no cerrado e as pessoas boas como você, que encontrei aqui.

Entrevista 2

Igualmente realizado na entrevista anterior, está também será separada em 3 eixos temáticos. Nesta primeira fase, sendo a mais curta, será abordada questões sobre os primeiros passos dados ao chegar no Distrito Federal.

Entrevistador: Você poderia me falar seu nome, idade e há quanto tempo vive aqui no Gama?

Entrevistado 2: Meu nome é ..., eu nasci aqui em Brasília no ano de 19... sempre vivi aqui no Gama mesmo, nascido e criado aqui, junto com minha família.

Entrevistador: O senhor poderia me dizer quem foi o primeiro palestino da sua família a chegar ao Brasil? E como foi essa chegada?

Entrevistado 2: O primeiro a chegar foi meu pai. Ele deixou a família dele lá na Palestina, ele já tinha dois filhos, uma filha e a esposa, e veio pro Brasil como refugiado de guerra. Ele veio de navio, a viagem durou 60 dias. Chegou ao Porto de Santos, em São Paulo, e de lá veio direto para Taguatinga porque tinha um primo morando aqui. Isso foi em 1968.

Entrevistador: E como foi o início da vida dele aqui?

Entrevistado 2: Ele começou a vida como mascate, vendendo roupas de casa em casa. Depois, conheceu minha mãe aqui, casou-se com ela e teve mais três filhos. Ele sempre mandava coisas pra ajudar a família dele que ficou lá, mas ele enfrentou muitas dificuldades aqui no começo.

Nesta segunda fase, será abordado questões sobre o processo de adaptação, identidade e fé.

Entrevistador: Como foi o processo de adaptação de seu pai ao Brasil e ao Gama?

Entrevistado 2: Foi bem difícil. Meu pai começou do zero né, como falei, ele enfrentou muita dificuldade, tanto financeira quanto cultural. Não falava português, mas foi aprendendo na prática, trabalhando no comércio.

Entrevistador: E o seu pai, depois que chegou aqui ele manteve sua fé firme no islã?

Entrevistado 2: Meu pai manteve a fé muçulmana no início; meu pai frequentava a mesquita, depois acabou se afastando um tempo, mas em seus últimos anos de vida ele voltou a praticar sua fé com mais intensidade, voltou a frequentar a mesquita. Mas eu mesmo segui o caminho evangélico, frequentei várias igrejas.

Entrevistador: Hoje, em que área você e sua família atuam?

Entrevistado 2: Basicamente só no comércio, meus pais sempre trabalharam com comércio e hoje não é diferente. Difícil alguém trabalhar sem ser com comércio, isso é uma coisa que já está em nosso sangue.

Entrevistador: Vocês conseguiram manter contato com a família de seu pai que ficou na Palestina?

Entrevistado 2: Sim, sempre mantivemos contato. Depois que meu pai faleceu, viajamos algumas vezes pra lá. Minha mãe chegou a dormir na mesma casa da primeira esposa do meu pai. Tenho irmãos lá, minha irmã morou cinco anos aqui com a gente. O mais velho, que faleceu recentemente, veio seis vezes ao Brasil. O outro só veio uma vez, mas ele é quem cuida das coisas da família lá.

Entrevistador: Vocês ainda têm propriedades lá?

Entrevistado 2: Sim, temos um terreno lá em Deir Ibzi, perto de Ramallah, a cerca de 10 km de Jerusalém. É uma terra muito valorizada, tem um bom valor comercial. Aquelas terras nós não vendemos de jeito nenhum, especialmente para manter a tradição da família.

Entrevistador: Como é essa cidade onde fica a propriedade da família?

Entrevistado 2: Deir Ibzi é uma cidade pequena, interiorana, com terrenos grandes. Fica no topo de uma montanha, de onde se vê Jerusalém e a Mesquita. A cidade é pacífica, apesar da situação geral da região.

Entrevistador: Como o conflito na Palestina tem afetado sua família?

Entrevistado 2: É bem difícil, sabe. Infelizmente, eu perdi dois primos no ano passado, os dois foram vítimas da violência. Mesmo não estando na Faixa de Gaza, a situação por lá é tensa. Um dos assassinos era militar israelense, o que matou o garoto. Por causa disso, um sobrinho meu teve que sair de lá às pressas e veio morar aqui, já está trabalhando na hamburgueria com a família.

Entrevistador: E você, como foi crescer aqui? Conseguiu manter contato com a cultura palestina?

Entrevistado 2: Eu acabei me afastando um pouco da cultura árabe, cresci aqui no Gama mesmo, tenho poucos amigos, levo uma vida simples, gosto de ficar em casa, mexer com carros e meus passarinhos. Mas a família mantém algumas tradições e há contato com os parentes de lá.

Entrevistador: Você sente preconceito por ser palestino?

Entrevistado 2: Nunca sofri nada diretamente, mas sinto que, com a guerra, as pessoas acabam misturando as coisas. Já tive raiva, mas aprendi a separar o povo das questões políticas. Não podemos culpar as pessoas comuns pelos atos dos governos.

Entrevistador: Como é a relação da comunidade palestina com os moradores daqui?

Entrevistado 2: É boa, não há grandes problemas. O povo gosta da gente, temos muitos amigos, principalmente por conta do comércio.

Entrevistador: Vocês mantêm algumas tradições religiosas, como o Ramadã?

Entrevistado 2: Como eu havia falado, meu pai era muçulmano e frequentava a mesquita, principalmente nos últimos anos de vida. Alguns parentes continuam praticando, mas eu segui outro caminho religioso.

Entrevistador: Vocês se reúnem com outras famílias palestinas para celebrar eventos culturais ou religiosos?

Entrevistado 2: De vez em quando, sim, principalmente quando vêm parentes de lá da palestina ou nas festas em família.

Finalizando esta terceira parte, farei as perguntas voltadas para sua vivência atual, o conflito com Israel e sua visão do futuro.

Entrevistador: O que significa para você ser palestino no Brasil?

Entrevistado 2: Para mim é carregar uma história de luta, mas também de adaptação e superação.

Entrevistador: Como esse conflito afeta emocionalmente você e sua família, mesmo morando aqui?

Entrevistado 2: Afeta bastante, não poderia ser diferente, e principalmente quando perdemos parentes ou vemos notícias ruins vindas de lá, coisas que por aqui jamais seriam noticiadas pela mídia que nós temos.

Entrevistador: Você sente que a guerra influencia na forma como os palestinos são vistos aqui no Brasil?

Entrevistado 2: Infelizmente, sim. Às vezes as pessoas acabam misturando as coisas e por isso acabam nos julgando sem conhecer a realidade.

Entrevistador: Já sofreu ou percebeu algum tipo de preconceito, comentário ou situação por ser descendente de árabe, não necessariamente palestino?

Entrevistado 2: Já senti olhares diferentes, mas eu nunca fui vítima direta disso não. Minha vida inteira procurei não me importar com isso, mas o preconceito existe sim, até mesmo com colegas de trabalho, mas nesse caso já é mais velado.

Entrevistador: Que mensagem você gostaria de passar sobre a realidade do povo palestino para as pessoas que vivem aqui no Gama e no Brasil?

Entrevistado 2: Que não devemos julgar um povo todo pelos atos dos governos ou pela guerra. Somos pessoas como qualquer outra, tentando viver em paz, só isso! Nos acusam de coisas que nunca fizemos, que minha família que vive por lá nunca fez, e mesmo assim acabam sofrendo e pagando por um erro que não é nosso, que foi inventado pra justificar isso aí que nós estamos vendo.

Entrevistador: Você gostaria de deixar alguma mensagem ou consideração final sobre a experiência de ser palestino nesta cidade?

Entrevistado 2: Ser palestino ou descendente de palestino, não só no Gama, mas no Brasil é um desafio e tanto, mas também uma oportunidade de mostrar nossa cultura e superar esses preconceitos. Na realidade nós somos o contrário do que as pessoas pensam. Mas esse pensamento se deve à falta de conhecimento das pessoas, é uma coisa meio cultural do brasileiro, só ouvir um lado e julgar o outro. Mas tem muitos que estão ao nosso lado e acabam nos ajudando a mostrar toda realidade, então acabam ficando chocados quando veem quem são realmente os terroristas nessa história.

Entrevistador: Mesmo não tendo nascido na Palestina, como você lida com a saudade e a distância da Palestina?

Entrevistado 2: A gente sempre mante contato, e as pessoas de lá vão cuidando das propriedades da família e preservando algumas tradições. Agente nunca se distancia uns dos outros por muito tempo. Ainda mais agora nessa situação.

Entrevistador: Mesmo não seguindo a religião islâmica, o que você mais valoriza na cultura palestina, que seu pai o tenha passado e que conseguiu manter aqui?

Entrevistado 2: Sem dúvidas o respeito à família, a solidariedade e a força para superar dificuldades, isso ninguém conseguiria tirar da gente.

Entrevistador: Você acha que seus filhos e futuros netos manterão essa ligação com a Palestina?

Entrevistado 2: A minha filha você conhece né, sabe que ela está engajada em todos esses movimentos pró palestina. Ela não para um segundo se quer, eu até

queria que você a conhecesse, mas com essa correria que ela vive é difícil, as vezes nem vejo a hora que ela sai e nem que horas ela chega. Tenho muito orgulho dela, por tudo o que ela faz.

Entrevistador: Qual conselho daria para outros imigrantes que chegam ao Brasil?

Entrevistado 2: Ter paciência, que busquem se adaptar, mas sem esquecer suas raízes. A família é muito importante para todos nós. E mesmo hoje em dia ainda é possível vencer aqui, seja no Gama ou qualquer outro lugar do DF ou do Brasil, mesmo começando do zero.

Entrevista 3

Não diferente as entrevistas anteriores esta entrevista final, também foi dividida em três fases. Iniciaremos essa terceira entrevista, com perguntas abordando a chegada ao Brasil e a inserção no Gama

Entrevistador: Você poderia me falar seu nome, idade e há quanto tempo vive aqui no Gama?

Entrevistado 3: Meu nome é ..., tenho ... anos e moro no Gama quase 40 anos. Cheguei aqui ainda menino, com minha família que fugiu da guerra e em busca de esperança.

Entrevistador: Quem foram os primeiros palestinos de sua família a chegarem aqui no Brasil?

Entrevistado 3: O primeiro foi meu tio ... Depois meus pais, comigo e meus irmão. Também vieram alguns amigos da vila onde vivíamos na Palestina. Viemos juntos, como uma família grande, sempre apoiamos uns aos outros, porque sozinhos isso seria impossível.

Entrevistador: Você sabe em que ano chegaram no Gama e quem veio primeiro?

Entrevistado 3: Chegamos na da década de 80. Meu tio ... veio dois anos antes, para tentar um trabalho e preparar um lugar para a família. Ele sempre dizia que precisava garantir que teríamos um teto sobre as nossas cabeças.

Entrevistador: Por que vocês escolheram o Gama como destino? Vieram direto para cá ou passaram por outras cidades antes?

Entrevistado 3: Um amigo da família já morava aqui e falou com meu tio. Na época ele falou que o Gama era uma cidade bem acolhedora, com gente trabalhadora e um bom potencial de crescimento no comércio. Nós passamos se não me engano, uns dois anos e meio em São Paulo, depois viemos para cá, mas foi aqui no Gama que encontramos paz e mais oportunidades para ter uma vida melhor.

Entrevistador: Como foi o processo de adaptação ao Brasil e à cidade do Gama?

Entrevistado 3: No começo foi muito duro. A saudade da Palestina era demais, dava um aperto no peito, e o idioma então, nem se fala, parecia um muro intransponível. Mas algumas pessoas ainda lá em São Paulo e principalmente do Gama, os nossos vizinhos e os comerciantes, nos ajudaram muito. Eu nunca vou esquecer a primeira vez que uma vizinha, a Dona ... trouxe pão de queijo para nossa casa, dizendo "sejam bem-vindos". Cara, aquilo foi amor à primeira mordida naquele pão de queijo. Infelizmente ela faleceu uns 6 a 8 meses depois. Ela já tinha uma certa idade.

Entrevistador: Com o que você ou seus familiares começaram a trabalhar ao chegarem aqui?

Entrevistado 3: Meu pai vendia de tudo na rua, minha mãe ajudava em casa de família, mas era de outras famílias palestinas de fora do Gama. Eu e meus irmãos ajudávamos como podíamos, vendendo coisas na feira. Foi uma luta, mas a cada real que a gente ganhava, aquilo me fazia sentir com um pouco mais de dignidade.

Entrevistador: Foi difícil para vocês conseguir emprego ou abrir negócios na época?

Entrevistado 3: Bem difícil. A falta de documentos, que ainda não tínhamos por completo, algum preconceito que ainda existia, e o medo de não dar certo, sempre nos acompanhavam, e até tirava nosso sono. Mas nunca deixamos de acreditar, tanto que anos depois, abrimos uma pequena loja de ..., que até hoje é nosso orgulho.

Entrevistador: Hoje, em que área você ou sua família atuam?

Entrevistado 3: Continuamos no comércio, e alguns são funcionários públicos. Nossa loja hoje não deixa de ser um ponto de encontro, onde nossos amigos brasileiros e outros árabes se reúnem para conversar e trocar ideias.

Chegando na segunda fase de perguntas, nesta etapa, fiz perguntas sobre sua identidade cultural e suas relações com a comunidade local.

Entrevistador: Quando vocês chegaram no Brasil, já sabiam falar alguma coisa em português? Como foi o processo de aprendizado da língua?

Entrevistado 3: Não sabíamos nada. Lembro de minha mãe tentando aprender algumas palavras básicas para ir ao mercado, ainda lá em São Paulo. Eu aprendi grande parte na escola mesmo, com os colegas, e com alguns outros árabes que nós conhecíamos lá em São Paulo. Mas no início nós erramos muito é claro. Mas hoje falo bem, quase ninguém percebe nenhum tipo de sotaque. Mas quando se aprende enquanto criança é muito mais fácil.

Entrevistador: Quais foram as principais dificuldades de comunicação que vocês tiveram nos primeiros anos?

Entrevistado 3: Acho que foi o medo de não ser entendido, de ser motivo de piada. Me lembro que muitas vezes a minha mãe chorava porque não conseguia explicar o que queria comprar. Mas as pessoas tanto lá em São Paulo, quanto aqui, foram bem pacientes, e a gente foi aprendendo aos poucos.

Entrevistador: Você ou sua família ainda falam árabe em casa?

Entrevistado 3: Sim, sempre. É a nossa raiz, é nossa identidade. O meu pai sempre fez muita questão disso. Até o seu último dia de vida ele sempre conversava

em árabe com a gente dentro de casa. Também por isso fazemos questão de manter nossa língua e ensinar aos nossos filhos, para que nunca esqueçam de onde vieram.

Entrevistador: Vocês conseguiram manter algumas das tradições culturais palestinas aqui no Gama?

Entrevistado 3: Sim. Talvez até mais do que na Palestina eu acho. Porque aqui nós sentimos medo de perder quem realmente somos, por isso celebramos todas as datas importantes, cozinhamos nossas comidas, contamos nossas histórias. Agente faz questão disso!

Entrevistador: Como são celebradas as datas religiosas, como o Ramadã, por exemplo?

Entrevistado 3: O Ramadã é sagrado para todos nós. Nos reunimos, jejuamos, oramos juntos, tudo como deve ser. E durante o ¹⁹iftar, a nossa mesa é cheia de comida. Sabe que árabe gosta muito de comer bem né. Mas também é cheia principalmente de amor e gratidão. Mesmo longe da nossa terra, sentimos que Allah sempre está conosco.

Entrevistador: Costumam se reunir com outras famílias palestinas para celebrar eventos culturais ou religiosos?

Entrevistado 3: Sim, sempre que dá. Agente procura ao máximo sermos uma comunidade bem unida, apesar de alguns árabes aqui, que não fazem muita questão disso e quase não aparecem, eles são muito na deles. Mas no Eid, fazemos festas, as crianças sempre brincam juntas, e nós compartilhamos de tudo. Sabe, nessas ocasiões o Gama vira um pedacinho da Palestina para nós.

Entrevistador: Há alguma tradição ou costume que foi adaptado ou até mesmo mudou após a vinda de vocês para o Brasil?

Entrevistado 3: Sim, nós aprendemos a misturar o nosso jeito com o jeito brasileiro. No natal, nós já visitamos alguns amigos mais chegados que são cristãos, os que vocês denominam como evangélicos, e eles já vieram ao nosso iftar sempre

¹⁹ **Iftar** é o nome da refeição consumida pelos muçulmanos ao pôr do sol para quebrar o jejum durante o Ramadã. <https://www.islamic-relief.org.uk/giving/islamic-giving/ramadan/iftar/>

que podiam. É um respeito mútuo que temos aqui em casa. O próprio Alcorão nos ensina a sermos assim. Veja só, no Alcorão 3:3 está escrito assim: “Ele te revelou (ó Muhammad) o Livro (paulatinamente) com a verdade corroborante dos anteriores, assim como havia revelado a Tora e o Evangelho. Entendeu o que está escrito? Nós respeitamos tanto o cristianismo quanto o judaísmo. Meu tio tem um grande amigo judeu, para você ver que não é como as pessoas pensam, ou veem na televisão. Mas quando não dá para nos encontrarmos, nós trocamos mensagens pelo whatsapp mesmo.

Entrevistador: No geral, como é a relação da comunidade palestina com os moradores do Gama?

Entrevistado 3: Posso dizer que é de respeito e amizade, por que fizemos bons amigos aqui, que hoje, alguns eu posso dizer que são como irmãos mesmo. Sempre nos sentimos bem acolhidos aqui, mesmo com algumas diferenças, o que é normal.

Entrevistador: O senhor sente que existe preconceito ou algumas dificuldades específicas por serem palestino aqui?

Entrevistado 3: Às vezes, sim. Algumas pessoas que não nos conhecem, têm ideias erradas sobre nós, até mesmo por causa das notícias da guerra. Mas a maioria é bem de boa, alguns até querem aprender, entender, e isso faz tudo valer a pena de certa forma.

Entrevistador: O que significa para você ser um palestino vivendo no Brasil?

Entrevistado 3: Tenho muito orgulho disso, isso para mim, significa carregar uma história de luta, não só de minha família, mas de todo meu povo, sabe. É muita resiliência e esperança que nós sempre tivemos e ainda teremos. Todos nós temos muito orgulho de sermos palestinos e de ter encontrado no Brasil um novo lar.

Finalizando esta terceira fase de perguntas, assim como nas demais entrevistas, fiz perguntas sobre o conflito Israel x Palestina e seus reflexos. A todo momento deixei bem claro que meu papel ali naquele momento era de perguntar sobre todo assunto relevante ao trabalho, e que ele poderia responder apenas a que se

sentisse confortável em responder. Assim como poderia fazer qualquer tipo de complementação a alguma pergunta anterior, a qualquer momento.

Entrevistador: O senhor tem contato com familiares ou amigos que ficaram na Palestina ou em outros países?

Entrevistado 3: Sim, falamos quase todos os dias com algum deles por vídeo chamada. Minha mãe então nem se fala. Mas as vezes isso é até doloroso. Sempre que ouço algum barulho como se fosse uma explosão do outro lado da linha, meu coração quase para de bater. E já aconteceu realmente de eu escutar uma explosão, quando um prédio havia sido bombardeado perto da casa do meu tio com que eu estava falando ao telefone. A ligação foi cortada e nós entramos em pânico, mas ainda bem que não havia acontecido nada. Minha mãe ligou para minha prima e ela falou que estava tudo bem com eles.

Entrevistador: O senhor acompanha as notícias sobre a situação atual entre Israel e Palestina? Como se sente em relação a isso?

Entrevistado 3: Sim, claro. Todos os dias, e é quase impossível não se sentir impotente diante dessa tragédia. Cada bomba que cai lá, destrói um pedaço do nosso coração aqui. Eu me sinto dividido entre a esperança e o desespero. Saber de tudo aquilo que está acontecendo e praticamente ninguém faz nada para ajudar. Ao menos temos algumas pessoas que nos apoiam, e que nos entendem. Muitos brasileiros como você, quando sabem da verdade, ficam completamente chocados, por que a mídia só mostra o outro lado da história e nos tratam como se todos fossemos terroristas. Nunca, é impressionante com nunca falam a verdade sobre quem realmente são os terroristas.

Entrevistador: Como esse conflito afeta você e sua família? mesmo estando longe.

Entrevistado 3: Afeta profundamente né. Não há um dia de paz. Cada notícia, cada imagem, é como se queimasse as nossas almas todos os dias. Todos nós sofremos juntos com aqueles que estão lá, persistindo, lutando pela vida e pela verdade. Se nós pudéssemos, nós iríamos para lá ajudar na causa, mesmo sabendo que correríamos muito risco. Tem horas que eu desejo que todos pudessem embarcar

em um avião e vir embora pro Brasil. Ficando aqui conosco ou com outros familiares que estão em São Paulo.

Entrevistador: Você sente que a guerra influencia na forma como os palestinos são vistos aqui no Brasil?

Entrevistado 3: Infelizmente, sim. Às vezes, nós somos julgados como se fôssemos parte unicamente da violência e a culpa fosse exclusivamente nossa. Tá entendendo? Como se nós tivéssemos começado tudo aquilo. Quem não conhece a verdade, acha que tudo começou lá, no dia 7 de outubro. Mas não foi, foi muito antes, e não fomos nós que começamos nada daquilo. Mas nós sempre tentamos mostrar que somos um povo de paz, que só queremos viver dignamente. Como qualquer outro povo. Como os brasileiros vivem aqui no Brasil.

Entrevistador: Já sofreu ou percebeu algum tipo de preconceito, comentário ou situação por causa do conflito?

Entrevistado 3: Já ouvi comentários bobos, preconceituosos e até dolorosos. E sempre tem aquele que faz perguntas ofensivas, sabe. Mas eu aprendi a responder com paciência e educação, porque eu acredito no diálogo, e quem quiser sentar comigo e conversar de forma respeitosa, eu estou sempre pronto.

Entrevistador: Que mensagem você gostaria de passar sobre a realidade do povo palestino para as pessoas que vivem aqui no Gama e no Brasil?

Entrevistado 3: Eu gostaria que as pessoas entendessem que por trás das notícias existem famílias, existem sonhos e vidas. Nosso povo só quer paz, respeito e oportunidade para viver em liberdade. As pessoas tem que aprender a buscar a verdade, e não aceitar de cara no que apenas um lado está dizendo. Elas precisam se questionar e saber que sempre tem o outro lado da história, e que esse outro lado merece ser ouvido e ser respeitado.

Entrevistador: Há alguma história ou experiência marcante que gostaria de compartilhar sobre sua trajetória aqui no Gama?

Entrevistado 3: Eu nunca esqueço do dia em que inauguramos nossa loja, alguns dos vizinhos vieram aqui nos ajudar, trouxeram até bandeirinhas do Brasil e da

Palestina. Ali eu entendi que era possível ser feliz, eu ainda era muito novo, mas fiquei muito feliz com aquele ato de carinho.

Entrevistador: Gostaria de deixar alguma mensagem ou consideração final sobre a experiência de ser palestino nesta cidade?

Entrevistado 3: Ah, não sei bem o que dizer. Já estamos aqui a tantos anos, que nos sentimos já como parte de tudo aqui sabe. Mas eu sempre serei grato as pessoas aqui do Gama que nos receberam de braços abertos quando chegamos. Minha família e eu, sabemos que a esperança de uma vida melhor está aqui, mas nunca deixaremos de sonhar com a liberdade da nossa terra e de nosso povo. Quem sabe um dia possamos celebrar a paz, tanto aqui quanto na Palestina, e você já está convidado hein. Iremos celebrar juntos. Até lá, eu peço a Allah que nos dê força, e a todo nosso povo daqui e principalmente os que estão lá na Palestina perseverando.

Fim das entrevistas.